O USO DAS VARIANTES /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ/ NA FALA DA COMUNIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA

Joseane Monteiro de Carvalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
COLEGIADO DE LETRAS

Joseane Monteiro de Carvalho

O USO DAS VARIANTES /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ/ NA FALA DA COMUNIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA

Abaetetuba
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
COLEGIADO DE LETRAS

Joseane Monteiro de Carvalho

O USO DAS VARIANTES /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ/ NA FALA DA COMUNIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Letras do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras (habilitação: língua aportuguesa).
Orientadora: Profª M. Sc. Alessandra M. M. Vasconcelos (UFPA).

Abaetetuba
2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C331u Carvalho, Joseane Monteiro de.
O USO DAS VARIANTES /ã?/ ~ /õ?/ ~ /õ/ NA FALA DA COMUNIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA : UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA / Joseane Monteiro de Carvalho. — 2007.
90 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. MSc. Alessandra Vasconcelos
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2007.

1. Sociolingüística. 2. variação. 3. variantes. 4. variáveis sociais. 5. variáveis lingüísticas. I. Título.

CDD 306.44

JOSEANE MONTEIRO DE CARVALHO

O USO DAS VARIANTES /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ/ NA FALA DA COMUNIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Letras do Campus Universitário do Baixo Tocantins, para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras - Habilitação: Língua Portuguesa.

Banca Examinadora:

_____
Profª M. Sc. Alessandra M. M. Vasconcelos

_____
Membro

_____
Membro

Data: ___/___/____

Conceito: _____

A Deus, primeiramente;
A todos os meus familiares, em especial aos meus pais: Maria das Graças Carvalho e Raimundo Baia de Carvalho, aos meus filhos: Lucas, Renata e Thiago e ao meu esposo Renato Trindade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me conceder saúde para concretizar mais uma etapa de minha vida, na qual progredi intelectualmente;

A professora Alessandra Vasconcelos pela competente orientação que contribuiu significativamente para a conclusão deste trabalho;

À minha mãe Maria das Graças e meu pai Raimundo Carvalho, os quais me apoiaram desde o início da minha vida acadêmica;

Ao meu esposo Renato, por contribuir financeiramente para a realização deste trabalho e por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis desta pesquisa;

À minha querida irmã Débora pela atenção e significativa participação nos momentos de produção e análise textual deste trabalho;

Ao meu cunhado José Augusto, por me transportar, sempre que necessário, para fazer minhas pesquisas na biblioteca pública e na Universidade;

Aos meus amados filhos Lucas, Renata e Thiago, pelos momentos de alegria e descontração, apesar da tensão e preocupação por causa das pesquisas;

A todos os amigos e conhecidos que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Joseane Monteiro de Carvalho

As línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes. (CALVET, 2002).

RESUMO

A presente pesquisa (TCC) intitulada ***O uso das variantes /ãũ/~/ õũ /~/õ/ na fala da comunidade Rio Guajará de Beja: uma abordagem sociolingüística*** foi realizada na comunidade Rio Guajará de Beja, região das ilhas (arquipélago) do município de Abaetetuba-PA, no período de março a julho de 2007. E apresenta uma análise lingüístico-descritiva de natureza qualitativa do uso das variantes /ãũ/~/õũ/~/õ/, presentes na fala dos moradores da comunidade ribeirinha Rio Guajará de Beja, sob a ótica teórico-metodológica da Sóciolingüística Variacionista. Nesta perspectiva, partimos do pressuposto de que os *fatores lingüísticos* quantidade de sílabas, ambiente fonético, tonicidade silábica e posição da varianete na palavra, bem como os *fatores sociais* (não-lingüísticos) sexo, idade e escolaridade condicionam o uso das variantes em questão. Pois como assinala Tarallo (1990), o fenômeno da variação lingüística está relacionado não somente às questões lingüísticas, mas também às características e configuração social de cada comunidade de fala. Além do valor lingüístico no que concerne à descrição do português falado na zona das "ilhas" do município de Abaetetuba-PA, este trabalho pretende contribuir em termos históricos e culturais, uma vez que resgata a história e a cultura da comunidade pesquisada Rio Guajará de Beja, ainda não registrada nos livros de história da região abaetetubense. A coleta de dados do fenômeno lingüístico aqui estudado foi realizada nas próprias residências dos informantes, por meio de entrevistas informais com quatro homens e quatro mulheres, totalizando 08 (oito) informantes, naturais da Comunidade Rio Guajará de Beja, município de Abaetetuba-PA. Verificou-se por meio da análise dos dados que as **variáveis lingüísticas** *quantidade de sílaba* e ambiente fonético (sons vizinhos) não condicionam a realização das variantes /ãũ/~/õũ/~/õ/, já a localização da variante na palavra e tonicidade da sílaba condicionam o uso das referidas variantes. Das **variáveis sociais** arroladas, observamos que apenas os fatores sociais e*scolaridade e sexo* se constituem em fatores que condicionam a realização das variantes /ãũ/~/õũ/~/õ/.

Palavras-chave: Sociolingüística; variação; variantes; variáveis sociais; variáveis lingüísticas.

ABSTRACT

The present research (TCC) eith the title ***the use of variants /ãũ/~/ õũ /~/õ/ in the speech of rio Guajará de Beja`s community: an approach social linguistic*** was made in the community rio Guajará de Beja, islands region (archipelazo) of Abaetetuba`s city-PA, in the period frommarch to july of 2007. it presents a descriptive linguistic of qualitative nature analisy of the use of variants /ãũ/~/õũ/~/õ/ present in the speech of the people who live in this community in rio Guajará de Beja, under the optic methodolozy-theoric of variacionist social linguistic. in this perspective, we begin of pressupost that the *linguistic factor* the quantitative of syllables, and the position o variant in the word like the factors of the question, so as the work says (1990), phenomenon of the linguistic variation is relationate not only in linguistic questios, but also the characteristcs and social confiziration of each community whish speaks. Besides the linguistics values in what concern the description of the spoken Portuguese in the "insland" zones to contribute in historical and cultural terms, once that rescues the community` s history and culture researched in rio Guajara de Beja, wich is not registraded in the Abaetetuba`s rezion. Phenomenon studied here, was made in the residence of the informants, throuzh informal interviews with four men and four women, with the total of 08 informants, from the community rio Guajará de Beja, Abaetetuba city-PA. It was verificated through the analyses of the informations that the **linguistic variarible** *quantitative of syllables* and phonetic environment (neizhoor sounds) it doesn`t condition the use of the reffering variants /ãũ/~/õũ/~/õ/ wich is located in the variants in the word and tonicity of the syllable condition the using of the reffering variants. From the **social variable** studied, we observe that only the social factors *school* level and *sex* constitute in factors that condition the carryng out of variants /ãũ/~/õũ/~/õ/.

key-words: social linguistics; variation; variants; social variable; linguistic variables.

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DOS INFORMANTES 43

TABELA 02: VARIÁVEL LINGÜÍSTICA POSIÇÃO E TONICIDADE 48

TABELA 03: VARIÁVEL LINGÜÍSTICA NÚMERO DE SÍLABAS 48

TABELA 04: VARIÁVEL LINGÜÍSTICA AMBIENTE FONÉTICO 49

TABELA 05: VARIÁVEI SOCIAIS: DITONGO /ãũ/ 51

TABELA 06: VARIANTE /õũ/ 54

TABELA 07: VARIANTE /õ/ 54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ASPECTOS GERAIS DO FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: AS VARIANTES /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ/ DO PORTUGUÊS..... 13
1.1 A PESQUISA SÓCIOLINGÜISTA: O FENÔMENO DA VARIAÇÃO 13
1.2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA: ORIGEM E EVOLUÇÃO 15
1.3 O PORTUGUÊS: VARIANTE BRASILEIRA 18
1.4 FONOLOGIA DO PORTUGUÊS ARCAICO: AS FORMAS /ÕU/~/Õ/ ~ /ÃU/ 18
1.4.1 **As formas nasais /õũ /, / õ / e /ãũ/**..... 19

CAPÍTULO II: ABAETETUBA E A REGIÃO DAS ILHAS: A COMUNIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA 25
2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM DO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA-PA 25
2.2 A REGIÃO DAS ILHAS 26
2.3 A COMUNIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA 27

CAPÍTULO III: METODOLOGIA: DA PESQUISA COLETA DE DADOS, SELEÇÃO DOS INFORMANTES E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS 42
3.1 DA PESQUISA: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E SELEÇÃO DOS INFORMANTES 42
3.2 DA COLETA DE DADOS E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS 43

CAPÍTULO IV: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: O FENÔMENO DA VARIAÇÃO /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ/ 45
4.1 DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS 45
4.1.1 Da **ocorrência dos ditongos /ãũ/ e /õũ/** 45
4.1.2 **Realização de /õ/** 47
4.2 DAS VARIÁVEIS SOCIAIS 49
4.2.1 **Realização do ditongo /ãũ/** 49
4.2.2 **Realização das variantes /õũ/ ~ /õ/** 51

CONCLUSÃO 55

REFERÊNCIAS 57

ANEXOS: 59

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado ***O uso das variantes /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ, na fala da comunidade Rio Guajará de Beja: uma abordagem sociolingüística*** apresenta uma análise dos fatores lingüísticos e não-lingüísticos que condicionam o fenômeno da variação linguística entre as variantes /ãũ/ ~ / õũ / ~ /õ / na comunidade ribeirinha Rio Guajará de Beja, localizada na região das ilhas (arquipélago) do município de Abaetetuba-PA.

De acordo com estudos sociolingüísticos, a variação em língua falada sofre influência e se apresenta condicionada a fatores sociais os mais diversos, que correspondem às características sociais dos falantes de uma língua, tais como: tipo de profissões, lugar de origem (localidade de nascimento), nível de escolaridades, idade, sexo, dentre outros. E é nesta ótica que se desenvolve a pesquisa em foco.

No que diz respeito à língua portuguesa (e demais línguas do mundo), um fenômeno importante observado na linguagem interiorana (zonas afastadas do centro urbano), como assinala Serafim da Silva Neto (1986), é o fato de que as comunidades que residem em localidades afastadas dos grandes centros urbanos tendem a conservar traços do português arcaico. Partindo deste pressuposto, este trabalho traz ao público uma análise sociolingüística das variantes **/ãũ/~/ õũ /~/õ/**, sob a hipótese de que as variantes **/õũ /~/õ/** correspondem à formas pertencentes ao português arcaico dos séculos XII - XVI, atestadas nas obras literárias do Trovadorismo (HAUY, 1994; SILVA, 1991; SILVA NETO, 1986).

Assim sendo, por meio do registro e análise do fenômeno aqui pesquisado, o trabalho de TCC aqui proposto tenciona contribuir para com os estudos da Lingüística Descritiva no que concerne à análise fonética do português falado na região das ilhas (arquipélago) do município de Abaetetuba-PA, ainda pouco conhecido e descrito formalmente na literatura lingüística; através da descrição dos aspectos fonéticos dos ditongos nasais **/ãũ/~/õũ/** e da forma **/õ/,** presentes no dialeto de uma comunidade de fala do século XXI, a saber: comunidade Rio Guajará de Beja.

Dessa forma, partimos dos seguintes pressupostos: a) as formas /õũ/ e /õ/ (variantes estigmatizadas) tendem a ser usadas por pessoas mais idosas e com baixa ou nenhuma escolaridade; b) pessoas mais jovens e escolarizadas fazem uso da variante /ãũ/ (variante de prestígio); c) fatores lingüísticos como quantidades de sílaba, sílaba tônica, ambiente fonético (sons vizinhos) e posição na sílaba influenciam a ocorrência das variantes estudadas, d) fatores sociais do tipo sexo, escolaridade e idade atuam como condicionantes da variação em análise.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida tendo como base os trabalhos de Fernando Tarallo (1990), Rosa Virgínia Matos e Silva (1991), Marcos Bagno (1999), Willians E. Bucher (1991), Gladstone Chaves de Melo (1981) e Serafim da Silva Neto (1986), Ismael de Lima Coutinho (1976), dentre outros. Obras estas que versam sobre o fenômeno da variação lingüística e aspectos diacrônicos (mudanças no tempo e espaço) da língua portuguesa.

O trabalho apresenta-se dividivo da seguinte maneira:

Capítulo I - Pressupostos teóricos: aspectos gerais do fenômeno da variação lingüística: as variantes /õũ/ ~ /õ/ ~ /ãũ/ do português: traz um levantamento de estudos sobre o fenômeno da variação lingüística (estudos sociolingüísticos). Bem como estudos sobre a origem e evolução da língua portuguesa (do latim ao português atual), que tratam da fonologia do português arcaico, no que concerne às variantes pesquisadas /ãũ/~/ õũ /~/õ/;

Capítulo II - Abaetetuba e a região das ilhas: a Comunidade Rio Guajará de Beja: apresenta um breve histórico sobre a fundação e história do município de Abaetetuba. Esta seção traz, também, um pouco da história da zona das ilhas do referido município, com destaque para aspectos geográficos, culturais, religiosos e sociais da comunidade ribeirinha Rio Guajará de Beja, comunidade pesquisada;

Capitulo III – Metodologia: da pesquisa, coleta de dados, seleção dos informantes e constituição do *corpus*: trata dos procedimentos teórico-metodologicos que nortearam a realização do presente trabalho: levantamento bibliográfico, seleção dos informantes, coleta de dados: técnica de coletas, natureza e constituição do *corpus*, bem como procedimentos de análise dos dados;

Capítulo IV - Análise e interpretação dos dados: o fenômeno da variação /ãũ/~/ õũ /~/õ/ : traz a análise e interpretação dos dados (fatores lingüísticos e sociais), formalizadas em tabelas para uma melhor compreensão e interpretação do fenômeno de variação lingüística em pauta.

Foram utilizados alguns símbolos nas trascrições fonéticas que correspondem a adaptações formais e gráficas adotadas na formalização do trabalho, a saber:

/ũ/ - semi- vogal nasal

/ŝ/ - fricativa palatal surda

/ž/ - fricativa palatal sonora

Conclusão: nesta seção traçamos um resumo final dos resultados da pesquisa, com comentários sobre os pontos relevantes observados na análise dos dados.

Os anexos apresentam-se organizados da seguinte maneira:

Anexo 1: Tabela referente à estratificação social dos informantes.

Anexo 2: Sinais gráficos adotados nas transcrições grafemáticas.

Anexo 3: Transcrição grafemática de uma narrativa na íntegra e trechos de narrativas.

Anexo 4: Corpus da pesquisa.

Anexo 5: Receitas de remédios caseiros.

Anexo 6: Fotos da comunidade pesquisada.

CAPITULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ASPECTOS GERAIS DO FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: AS VARIANTES /õũ/ ~ /õ/ ~ /ãũ/ DO PORTUGUÊS

1.1 A PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA: O FENÔMENO DA VARIAÇÃO

As línguas do mundo apresentam variações que decorrem de questões históricas, geográficas e temporais. Esse fenômeno de variação lingüística é característico da linguagem humana e se concretiza na fala de pessoas pertencentes a uma mesma comunidade que utilizam formas lingüísticas diferentes para denominar a mesma coisa. Segundo Tarallo (1990, p. 08) "em toda comunidade de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação […] diversas maneira de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade".

Atualmente, várias ciências estudam e buscam explicar as diferentes formas de execução da língua que se concretiza na fala, sendo esta peculiar a cada pessoa, grupo e comunidade. A sociolingüística é uma dessas ciências. Seu principal foco de pesquisa é a relação entre os contextos sociais e as diferentes linguagens observadas nos mesmos, especificamente, formas lingüísticas, partindo do pressuposto de que o fator social influencia as estruturas lingüísticas usadas por determinadas comunidades.

Segundo Tarallo (op. cit.), essas pesquisas tiveram como precursor o inglês William Labov, o qual insistiu em aplicar o seu modelo de análise lingüística que inseria o fator social para obter explicações sobre variações na linguagem de determinados falantes. Tal fato demostrou a sistematização entre tantas variações e suas causas, no que concerne a língua falada.

De acordo com o resultado das análises sociolingüísticas de Lobov, a linguagem falada relacionada às questões sociais pode evidenciar variações decorrentes de fatores como *status* social, grau de escolaridade, posição econômica, identificação e configuração de grupos, entre outros. Então, observamos que a variação lingüística está condicionada à fatores extralingüísticos.

Nesse sentido, o objeto de estudo da Sociolingüística é propriamente a variação lingüística. É importante ressaltar que um estudo sobre questões que venham a auxiliar e acrescentar informações sobre os falantes e suas comunidades é válido, pois, essas

informações extralingüísticas ajudam a dar mais consistência à pesquisa e explicar os fenômenos de variação. Pode-se afirmar, então, que as variações lingüísticas juntamente com determinadas informações adicionais sobre os falantes são à base das pesquisas sociolingüísticas, ou seja, o "fato sociolingüístico", necessário para concretizar esta espécie de análise da língua.

Por isso, o propósito de tal ciência é segundo Tarallo (1990) analisar a variável sociolingüística utilizando as informações de forma ordenada, com intuito de conhecer as causas sociais de determinados fenômenos de variação lingüística. Para tanto, tal ordenação dá-se da seguinte maneira: levantamento de dados da fala dos informantes, coletados em uma situação informal, em que eles sintam-se à vontade para se expressarem como fazem no seu dia-a-dia; análise de forma minuciosa da variável e de suas respectivas variantes; examinar os prováveis "fatores condicionadores" lingüísticos (como ambiente fonético) e não-lingüísticos (como escolaridade, idade, sexo) que propiciam o uso mais freqüente de uma "variante" com relação às outras; ajustar a "variável" de acordo com os ambientes, nivelando a mesma em seu contexto fonético, sintático, entre outros; além de inseri-la, também, no contexto social da comunidade; verificar as questões históricas da comunidade com o intuito de saber se as conseqüências com relação à existência e possíveis modificações na "variável" influenciaram ou podem vir a alterar as variantes no futuro, ou seja, saber se os acontecimentos ocorridos durante a história da comunidade podem fazer com que alguma variante desapareça ou se modifique, de alguma maneira, por conseqüência da história dos moradores, enquanto processo de desenvolvimento social, dentre outros.

As línguas sofrem variação, como dissemos inicialmente, na história, no tempo e no espaço. É na fala que se desencadeia o processo de variação e mudanças mais rápidas. Ao que se refere a língua portuguesa não foi diferente, pois o português falado nos séculos XII, XIII, XIV, XV, XVI era diferente do que falamos hoje. Entretanto, existem formas que conseguiram se conservar na fala de algumas comunidades até hoje. A essas formas damos o nome de arcaísmos, que são muitas vezes considerados errados e são desvalorizados socialmente como explica Bagno (2001, p.203) "muita coisa que a gente pensa está errado, que é fala de gente ignorante […] são heranças muito antigas, vestígios de outros tempos, verdadeiros 'fósseis lingüísticos'. Eles recebem o nome técnico de arcaísmo".

É nesta perspectiva teórica que o presente trabalho se propõe a analisar o fenômeno da variação entre as formas /ãũ/ ~ /õu/ ~ /õ/ na fala da comunidade Rio Guajará de Beja, localizada na região das ilhas do município de Abaetetuba-PA.

1.2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA: ORIGEM E EVOLUÇÃO

Do latim ao português

A língua portuguesa que falamos atualmente é resultado, segundo Hauy (1994, p. 8) "de conturbadas e lentas transformações, através dos séculos, da língua latina, em sua variante, o latim vulgar. Esta por sua vez era resultado de transformações de outra língua, o indo – europeu". As sucessivas e seculares migrações dos falantes indos – europeus que entraram em contato com outros falares que dividiram – se em vários ramos, como por exemplo, o grego, o armênio, o germânico, o báltico, o eslavo, o celta, o albanês e o itálico. Este último nos interessa pois está relacionado à história do português, é o ramo itálico ao qual pertence o latim, uma das línguas da Península Itálica, mas precisamente localizada no centro da Península, língua esta da qual se originou o português.

O latim era a língua dos latinos que habitavam o Lácio, região da Itália Central. Com a fundação de Roma nessa localização estratégica, e sua tendência política e guerreira, os romanos foram conquistando, a princípio, várias cidades e depois expandiram suas conquistas, espalhando seus exércitos durante vários séculos, por quase todo mundo conhecido, impondo seus costumes e sua língua, o latim.

As conquistas romanas começaram em fins do séc. IV a.c e continuaram até depois do século I da era cristã. Com o término das conquistas Roma, que havia implantado o império em 27 a.c enfrentava muitas dificuldades tanto externas como internas e seu domínio se enfraquecia cada vez mais. Crises econômicas, sociais e políticas, a escassez de mão-de-obra escrava, a legalização da doutrina cristã, que proibia a escravidão entre outras, foram as causas da crise, do enfraquecimento e do declínio do Império Romano.

Os povos bárbaros que invadiam o império, à medida que ele se enfraquecia, dominaram o Ocidente e formaram numerosos reinos bárbaros (franco, suevo, visigótico) que se desenvolveram durante toda a idade Média e, a partir do século IX, transformaram-se cada um com sua história e romanço. .

Os romanços medievais e, posteriormente, as línguas românicas ou neolatinas, foram conseqüências das modificações do latim vulgar levado pelos soldados e por pessoas das classes baixas às regiões do antigo Império Romano. Sendo que os fatores responsáveis pelo fenômeno da dialetação românica e a formação das línguas neolatinas a partir do século IX

foram: o tempo, a política de dominação dos romanos, a grande área geográfica do império e sua fragmentação política e, principalmente a ação do substrato e superstrato.

Nesse sentido, o latim levado para a Península Ibérica sofreu influências, sobre tudo na fonética e no léxico, que representam vestígios das línguas, anteriormente faladas por gregos, fenícios, cartagineses, celtas e bascos.

Vale frisar que, os celtas, segundo Hauy (1994), na Lusitânia pré-romana, foram os elementos de maior valor lingüístico que contribuio para a estruturação do português em seu léxico e fonologia.

Dessa forma, do contato entre romanos e povos conquistados foram, pouco a pouco, surgindo novos dialetos que se diferenciavam no tempo e no espaço por força do substrato e superstrato. Isto somado às invasões sucessivas dos bárbaros, constituíram em um conjunto de acontecimentos decisivos para a formação dos diversos dialetos (romances) compreendidos entre os séculos IX a XIII.

Das invasões bárbaras destacaremos as das tribos germânicos, suevos e visigodos, uma vez que, a formação do romanço galego-português teve início na Galisa e em parte da Lusitânia, áreas inicialmente invadidas pelos suevos que depois foram absorvidas pelos visigodos, os quais fundaram um duradouro reino. Em 711, após dois séculos esse reino foi destruído pelos árabes, mas foi reconquistado pelos exércitos dos hispano – visigóticos. Quando a violência das invasões germânicas foi cessando, os bárbaros passaram a se romanizar adotando a cultura, religião e língua dos povos vencidos. Contribuindo, então, para a aceleração da evolução da língua latina. Por isto, se encontram, no vocabulário português, vários termos de origem germânica.

Falando agora sobre a contribuição dos árabes que penetraram na Europa e apoderaram-se do reino visigótico, além dessa invasão ter acentuado a influência do superstrato no processo de dialetação românica e contribuindo com mais de duas mil palavras do léxico português, ela desencadeou o fato histórico da formação de Portugal como estado monárquico. Pois, após a reconquista dos territórios invadidos pelos árabes os hispano-visigóticos e cristãos rebeldes à invasão mulçumana houve a formação dos reinos de Leão, Aragão Navarra e Castela.

Nas inúmeras lutas da reconquista do território peninsular, já em fins do século XI, muitos fidalgos vieram guerrear sob a bandeira de D. Afonso VI rei de Leão e Castela.

Destacando-se D. Henrique, conde de Borganha que por seus feitos recebeu de D. Afonso VI sua filha D. Tareja, em casamento, e o governo do condado Portucalense situado na costa ocidental da Península Ibérica.

Após a morte de D. Henrique sua viúva assume o poder, mas é com seu filho D. Afonso Henrique que o condado conseguiu sua independência do reino de Leão e Castela. Reconhecida em 1143, assim como o título de rei a D. Afonso Henrique.

Dessa forma, estava então definitivamente fundado um novo reino – Portugal – e uma nova nação – a portuguesa – onde se falava o galego-português. Mas, à medida que Portugal estendia seus domínios para o sul absorvendo os falares ou romances que lá havia, foram surgindo, então, as diferenciações lingüísticas que culminaram na separação do galego-português em duas línguas diferentes: o *galego*, absorvido pela unidade castelhana, e o *português*, que continuou evoluindo e já com feição própria, foi legalizado como língua oficial de países como Portugal e Brasil.

Segundo afirma Silva (2004, p.19) "com a centralização política no eixo Coimbra – Lisboa. Definidos os limites do novo reino português, sela – se um destino histórico diferente para o português e o galego. Este fato culmina com a decisão de D. Dinis […] de legalizar o português como língua oficial de Portugal".

Assim, a língua portuguêsa a partir do século XIV foi levada pelas conquistas marítimas para outros lugares do mundo como a amarica sulamericana.

Vasconcelos (apud COUTINHO, 1976) divide a história da língua portuguesa em três grandes épocas: Pré-história, proto-história e histórica. A primeira começa com as origens da língua e se prolonga até o século IX, em que surgem os primeiros documentos latino-portugueses; a segunda estende-se do século IX ao XII. Os textos desse período são redigidos em latim bárbaro, entretanto, já se encontram palavras portuguesas; a terceira, e inicia no século XII, em que os documentos aparecem inteiramente redigidos em português. Sendo que a época histórica comporta uma divisão em duas fases: a arcaica (século XII ao XVI) e a moderna (do século XVI para cá).

Entretanto essa divisão é apenas didática e pode variar dependendo do aspecto enfocado:

> Estudando a evolução da língua portuguesa, os autores costumam dividir sua história em fases, períodos ou épocas, com critérios que variam, conforme se considerem como pontos de referência, na periodologia, aspectos puramente lingüísticos ou extralingüísticos. São classificações apenas didáticas, uma vez que os limites entre os diversos períodos não podem, evidentemente, ser traçados com rigor (HAUY, 1994, p.19).

1.3 O PORTUGUÊS: VARIANTE BRASILEIRA[1]

A língua portuguesa, desde que teve oficializada sua existência pela escrita até nossos dias, vem e tem sofrido várias e significantes modificações pela ação de muitos acontecimentos e fatores.

Um grande acontecimento foram às conquistas marítimas portuguesas que levaram o idioma português a uma evolução contínua, visto que, a referida língua entrou em contato com outras e foi sofrendo transformações como as que ocorreram aqui no Brasil no período colonial, pois sabemos que a língua portuguesa entrou em contato com línguas indígenas e africanas. Fatores decisivos para inúmeras mudanças lingüísticas em nossa língua.

O Tupi, língua indígena, falada no Brasil no período colonial, acarretou mudanças lingüísticas no português, pois segundo Melo (1991, p. 96), os índios tiveram que aprender a nova língua e "transpuseram para ela deformações decorrentes dos seus antigos hábitos lingüísticos". Outro elemento que acarretou a modificação da língua portuguesa foi a ação das línguas africanas, pois os negros trazidos para cá também aprendiam o idioma de maneira desfigurada, ou seja, com a marca também de seus antigos hábitos que eram peculiar a suas línguas passadas.

Além disso, vale frisar que a língua Portuguesa trazida para cá não era uniforme, isto é, ela apresentava aspecto "camponês e provincial". E, os elementos unificadores como escola, língua escrita, a influência de pessoas instruídas, também foram fatores responsáveis pelo nosso aspecto brasileiro de falar, assim como, nossa formação geográfica, visto que o português ficou distante em algumas partes do país de certas "modernizações".

Assim, os acontecimentos e fatores expostos, acima entre outros, foram responsáveis pela constituição dos vários dialetos que a língua portuguesa possui atualmente, que se manifestam na fala dos moradores de determinadas regiões como algo característico de suas comunidades.

---

[1] Segundo estudos de Gladtone Chaves de Melo em ***A língua do Brasi*** (1981).

1.4 FONOLOGIA DO PORTUGUÊS ARCAICO: AS FORMAS /õũ/~ /õ/ ~ /ãũ/

Na fase arcaica (séc. XII à XIV) o galego – português era o idioma falado em toda a região da Galiza e da nova nação portuguesa, e foi por três séculos o veículo da produção trovadoresca em toda Península Ibérica.

Nesse sentido, devemos considerar a relação do português arcaico com o português contemporâneo, uma vez que, para compreendermos o uso das referidas variantes na atualidade precisamos observar seu passado, isto é, para entendermos esse fenômeno (sincrônico) de variação lingüística, vamos lançar um olhar diacrônico *versus* sincrônico sobre tal fenômeno, buscando explicar as transformações que ocorrem na fala das pessoas que resultou no fenômeno de variação aqui estudado.

Segundo Silva (1991) na época do português arcaico ainda não se havia escolhido uma norma ou padrão lingüístico de uso prestigiado, ou seja, o português desse período era representado na escrita de maneira fiel à fala. Então, o que caracteriza a documentação escrita dessa época é a ocorrência de variações tanto na morfologia como na sintaxe sendo que pela variação gráfica evidenciam-se indícios de realizações fônicas coniventes. Assim, essa documentação do período arcaico é de suma importância para o conhecimento o processo histórico de mudança e transformações ocorridas na língua portuguesa, visto que, tais documentações fornecem dados significativos para a compreensão de variantes que persistiram para além do período arcaico e até hoje permanecem em dialetos regionais, como as formas /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ/.

1.4.1 **As formas nasais /õũ /, / õ / e /ãũ/**

Da forma /õ/

Silva (1991) esclarece que a formação das vogais nasais no período arcaico de nossa língua se deu, em geral, pela síncope de – n – intervocálico e da perda de elementos finais, apócope. Sendo essa nasalidade regressiva, uma vez que, a nasal sempre sucedia a vogal. Nesse período, já tínhamos em posição final de vocábulos as cinco vogais nasais / ĩ /, / ẽ /, /õ/, / ã / do português.

De acordo com a referida autora, é também no período arcaico que começou a se processar a ditongação das vogais nasais / õ / e / ã / em posição final das palavras convergindo

na direção do ditongo [ãũ], "que – já no século XVI é a própria do dialeto padrão de Portugal'.

Exemplos:

Lat	Port. Arcaico	Port. Moderno
Caratione	coraçõm / õ /	coração / ãũ /
Latrone	ladrom / õ /	ladrão / ãũ /
Cane	Can / ã /	Cão / ãũ /

A vogal nasal /õ/, segundo HAUY (1994, pág. 39), era representada graficamente em terminações de vocábulos pela escrita **õ**, **on**, **om** e referia-se aos vocábulos nominais latinos da terceira declinação que terminavam em - *one* e - *udine* e dos verbos terminados em - *ent*, como se pode ver abaixo:

Exemplos:

Latim	**Port. Arcaico**	**Port. Moderno**
Sermone (subst.)	serm**om** (subst.)	sermão (subst.)
Solitudine (subst.)	said**om** (subst.)	solidão (subst.)
Amarunt (verbo)	amar**om** (verbo)	amaram (verbo)

Entretanto, segundo Nunes (1989) a correspondência que seria de ão, ã, õ, õe para as sua respectivas proveniências latinas *-anu, -ana, -one* e *-udine*, começa a prtir do século XIV confundir-se entre si, ocasionando o surgimento de palavras com terminações que diferenciavam-se de sua origem latina.

Em estudo feito sobre as terminações nasais -õ, -ã, -ão encontradas no português escrito da *Carta de Pero Vaz de Caminha*[2] escrita em 1500, de Rosa Virgínia Mattos e Silva, em ***A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500***, BORGES, Carla Luzia Carneiro *in* Silva (1996, p. 239-246) verificou-se que não havia correspondência entre as grafias e os étimos, pois as maioria das palavras que terminavam em am / ã / não tinham correspondência nas terminações latinas *-ana* ou *-ane*, e sim em outras terminações como, *one, anu* (subst.) e a *unt* (verbos). Quando as palavras terminavam em õ, também se encontravam associadas à

[2] A ***Carta de Pero Vaz de Caminha***: primeiro documento oficial do Brasil produzido em 1500, o qual continha informações sobre os ambientes observados pelos portugueses, escrita por Pero Vaz de Caminha, com intuito de levar tais informações ao rei de Portugal.

terminação *-anu,* se fossem substantivo; e *-ant*, quando verbo. Segundo tal estudo, os verbos terminados em *om* estavam associados corretamente à terminação *-unt*, na maioria dos casos, e os substantivos a *-one*, não houve nenhum registro de substantivo com terminação nasal que tivesse origem latina *-udine.*

Com base nas obras de Hauy (1994) e Silva (1991), levantamos a hipótese de que a grafia **on,** presente na *Cantiga de Amor* (LAPA, 1976) escrita por Dom Dinis (poeta trovador do século XIII, considerado o mais fecundo artista da poesia trovadoresca do período arcaico de nossa língua), representa a forma /õ/.

1. Proençaes saen mui bem trobar
2. e dizen eles que é con amor
3. mays os que troban no tempo da frol
4. e non encutro, sey eu ben que n**on**
5. antan gran coyta no seu coraç**on**,
6. qual meu por mha senhor vejo levar

7. Pero que troban e sabien loar
8. sas senhores o mayas e o melhor
9. que eles poden, sôo sabedor
10. que os que troban quand'a a frol saz**on**
11. á e n**on** ante, se Deus mi perd**on**,
12. n**on** an tal coyta, qual eu ey, sem par

13. Ca os que troban e que s' alegrar
14. Vass eno tempo que ten a calor
15. a frol consigue'e, tanto que se for
16. a quel tempo, logu' em trobar raz**on**
17. n**on** an, n**on** viven em qual perdiç**on**
18. oj' eu vyvo, que poys m'a de matar.

(LAPA, 1976: p. 24,25)

Observamos na cantiga de amor acima, que a grafia **on** corresponde a uma representação gráfica da forma /õ/, que é o resultado da síncope da forma – *one*, onde o fonema /n/, ao cair, deixa sua nasalidade na vogal anterior /o/.

E, partindo do fato de que tal poema pertence ao Período Fonético, de acordo com a divisão de Williams (1991), há possibilidade de que a forma /õ/ esteja representada de uma maneira muito próxima da linguagem falada na época, pois nesse período histórico da língua portuguesa, havia a tentativa de se representar, foneticamente, os sons das palavras na escrita.

Da forma /õũ/

No que concerne à origem do ditongo /õũ/ Nunes (1989) argumenta em favor de uma fase posterior das vogais nasais /õ/ e /ã/ em que seria adicionado a elas a semi-vogal /w/, possivelmente por analogia ao ditongo /ãũ/ (já existente no português arcaico vindo dos substantivos latinos terminados em *-anu*, que no processo de mudança para o português sofreram a síncope do **/n/,** ficando a nasalidade sobre a vogal anterior. Nesse caso, o /a/ evoluiu "resultando daí os ditongos nasais – ão e õo (na pronúncia ãũ e õũ)" (NUNES, 1989, p. 227).

Silva (1991) refere-se ao ditongo /õũ/ como sendo um resultado do processo de transformações fonéticas, afirmando que tal forma veio da ditongação da vogal nasal /õ/ a qual por sua vez, veio das terminações latinas – *one* e *unt*. A autora explica também que o referido ditongo, em certos dialetos do Norte de Portugal, é resultante das modificações que as terminações latinas – one, - ane e anu, com uma etapa anterior em /õ/, sofreram.

Nesse sentido, percebemos que o surgimento do ditongo /õũ/ é algo que diverge opiniões dos estudiosos, o certo é que essa forma manteve-se apenas no campo fonético, ou seja, o ditongo /õũ/ não alcançou prestigio na escrita, uma vez que a partir do século XVI a norma estabelecida prestigiou o ditongo /ãũ/ que se mantém até hoje prestigiado no dialeto culto, enquanto que /õũ/ foi e é taxado "como popular, arcaizante e regional" (SILVA, 1991, p. 76).

Da forma /ãũ/

O ditongo nasal /ãũ/ , que aparece grafado no português arcaico por **ão**, é proveniente, segundo SILVA (1991), da evolução (ditongação) das vogais de final de palavras /ã/ e /õ/,

vogais estas resultantes da queda da conoante /n/ em posição intervocálica. Ex.: Latim:. ma**n**u>m**ão**; vanu>vão.

Então, temos no português atual o ditongo nasal /ãũ/ proveniente das formas etimológicas *–anu,* das teriminações verbais *–unt e –ant,* e das nominais *-one* e - *ane,* que no período arcaico eram grafadas em final de palavras como **om, on, e am, ã**, respectivamente.

Exemplos:

Latim		**Port. Arcaico**		**Port. Arcaico -séc. XVI (dialeto padrão)**
Caratione	>	coraç**on** /õ/	>	coração /ãũ/
Cane	>	c**an** /ã/	>	cão /ãũ/
Amant	>	am**am** /ã/	>	amam /ãũ/
Ama (vê) runt	>	amar**on** /õ/	>	amaram /ãũ/

A confusão que era feita no período arcaico ao se escrever o ditongo /ãũ/, que aparecia grafado como **ão** e **am** na escrita de uma mesma palavra, não pode ocorrer hoje, no português moderno, pois a opção por uma dessas grafias, não pode ser aleatória. Uma vez que, em se tratando de formas verbais, deve-se grafar **ão,** para o tempo futuro; e **am** para o tempo passado.

Exemplos:

Português moderno

Verbo		**passado**		**futuro**
Cantar	>	Cantar**am**	>	Cantar**ão**
Nascer	>	Nascer**am**	>	Nascer**ão**
Dormir	>	Dormir**am**	>	Dormir**ão**

De acordo com Williams (1991, p.41), “o uso moderno de ão e am para diferenciar as formas verbais da terceira pessoa do plural acentuadas das não acentuadas” foi proposto em 1671 por João Franco Barreto em sua “Ortografia da Língua Portuguesa”.

No período arcaico do português confundiam-se, também, as terminações escritas **ão** e **om** acarretando que nomes terminados em **ão** (/ãũ/) “faziam seu plural como se terminassem

em **om** e vice – versa", e essa confusão na língua arcaica é motivo de alguns vocábulos ainda hoje terem "além do plural próprio, outro por analogia" (HAUY, 1994, p. 52).

Exemplos:

Portuguê moderno

Ancião	.....	anci**ãos**	~	anci**ões**
Anão	.....	an**ãos**	~	an**ões**

Entretanto a terminação **ões** foi a preferida para fazer o plural de palavras escritas que atualmente terminam em **ão** e que anteriormente terminavam em **om.**

Exemplos:

Portg. Arcaico		**Portg. Moderno: singular / plural**		
Ver**om**	>	ver**ão**	.....	ver**ões**
Coraç**om**	>	coraç**ão**	.....	coraç**ões**
Liç**om**	>	liç**ão**	.....	liç**ões**
Raz**om**	>	raz**ão**	.....	**razões**

CAPÍTULO II: ABAETETUBA E A REGIÃO DAS ILHAS: A COMUNIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA

2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM DO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA-PA

Não podemos falar de Abaetetuba sem mencionar a Vila de Beja, pois ela é o berço da colonização abaetetubense. Segundo, Machado (1986, p. 17), "Vila de Beja teve início por volta de 1635, com a Catequese de Padres Capuchos que conseguiram aldear uma pequena tribo nômade denominada Motiguar, construindo um povoado chamado Samaúma, o qual mais tarde ficou conhecido como Beja". A origem do povoamento de Abaetetuba, por sua vez, só ocorreu quase um século depois, como nos conta a historiadora Maria de Nazaré Lobato em seu livro ECOS DA TERRA (1993), quando em meio a uma tempestade o português Francisco de Azevedo Monteiro teve sua embarcação desviada da rota pela qual viajava e aportou no lugar onde hoje conhecemos como "Cruzeiro" às margens do rio Maratauíra. Esse fato aconteceu no dia 08 de Dezembro de 1724, dia consagrado à Nossa Senhora da Conceição, então o navegante no momento em que estava correndo risco de naufragar invocou a proteção da referida santa, prometendo erguer, no local onde aportasse a salvo, uma capela em seu louvor.

Salvos do naufrágio Francisco Azevedo e sua família com ajuda dos marujos iniciaram a construção da Capela prometida à Virgem. Que em seguida tomou posse da terra e comunicou o fato ao governador do Pará.

Entretanto, segundo o historiador Jorge Machado em seu livro "TERRAS DE ABAETETUBA" (1986) esta história lendária e poética não é nada original, uma vez que "existem outras com o mesmo enredo". Para o autor Francisco Azevedo aportou no referido local com a intenção de explorá-lo e como era dia de Nossa Senhora de Conceição construiu a Capela revelando sua religiosidade como quase todo português.

Desavenças históricas a parte, certo é que com a construção da capela foram surgindo alguns casebres em torno dela dando origem a um povoado ao qual Francisco Azevedo denominou Povoado de Nossa Senhora da Conceição do Abaeté. Porém, o lugar não tinha algo que atraísse o progresso e abandonado por seu fundador tendia a desagregar-se.

Em 1773, famílias marajoaras começaram a se instalar no local, o senhor Manoel da Silva Raposo fazia parte de uma dessas famílias. Ele trabalhou muito pela edificação do

povoado, reconstruiu a antiga Capela e junto dela anexou uma casa destinada a abrigar os religiosos que viessem visitar o povoado, alinhou as casas dando origem à primeira rua, hoje Travessa Pedro Rodrigues, construiu também o primeiro cemitério. Essas ações atraíram outras famílias para o povoado que começou a crescer e com a presença de representantes da Igreja Católica passou a se chamar Freguesia de Abaeté. A qual posteriormente foi anexada ao território de Belém e passou a receber grande influência da Capital. Influência que acarretou um acelerado crescimento e houve a possibilidade de elevar a freguesia à categoria de Vila. Entretanto, isso só aconteceu em 1880, com o governador provincial José Araújo Danim, que desmembrou o território de Abaeté, do da Capital e o transformou em município autônomo, elevando a Freguesia à categoria de Vila.

Dessa forma a Vila de Abaeté crescia e foram surgindo necessidades de maiores progressos. Em 06 de Julho de 1895 o governador Lauro Sodré, através da Lei nº. 324 transformou a antiga Vila em cidade. Desde essa época até a atualidade a cidade de Abaetetuba vem sofrendo transformações políticas, econômicas, territoriais, culturais, religiosas, etc. semelhantes a qualquer outra das muitas cidades brasileiras.

Assim, Abaetetuba está localizada à margem direita do rio Mereuí, também chamado Maratauíra. À frente da cidade é banhada pelo rio Abaeté, que tem sua foz no rio Tocantins. O município faz limite com outros como: Igarapé-Miri, Barcarena, Moju e Limoeiro do Ajuru. Também fazem parte do município os distritos: Vila de Beja e aproximadamente 45 ilhas que constituem as chamadas “Zonas das Ilhas”.

2.2 A REGIÃO DAS ILHAS

Segundo o Historiador Jorge Machado, existem em Abaetetuba 45 ilhas que constituem as chamadas “Zonas das Ilhas”:

> Essas ilhas conferem à parte Oeste do município o aspecto de uma colcha de retalhos, tal é a insinuação dos cursos d’água que ainda hoje representam o principal meio de comunicação entre as pequenas povoações e aglomerados (sub-distritos) que formam as suas margens (MACHADO, 1986, p. 66).

As ilhas do município de Abaetetuba são interligadas por inúmeros igarapés e furos. As principais ilhas são: Sirituba, Campopema, Paçoca, Capim, Coelho, Cumuru, São

Francisco, Santo Antônio e São Bento. Os rios, assim como os igarapés e furos servem como meio de comunicação e transporte. A produção de açaí, farinha de mandioca, telhas, tijolos entre outros, são transportadas em barcos e canoas por meio deles, além disso, eles servem também para a pesca, banho e uso doméstico como a utilização da água para a preparação de alimentos.

As comunidades ribeirinhas que moram nas zonas das ilhas são em sua maioria pessoas humildes, que vivem da agricultura, especialmente do açaí, da mandioca, pesca e de passar fretes em seus barcos. São pessoas com baixo nível de escolaridade e que não dispõe de recursos como água tratada, energia elétrica, consomem a própria água poluída dos rios. São escassos os estudos formalizados sobre essas comunidades. O que se sabe é que existem muitos moradores que residem às margens das dezenas de rios, igarapés e furos existentes nas ilhas. Este trabalho irá, nesse sentido, resgatar especificamente, um pouco da história da Comunidade Rio Guajará de Beja, uma vez que, nossa pesquisa se desenvolveu na comunidade que reside às margens do rio Guajará, e fizemos esse resgate histórico do local para um melhor entendimento e êxito do fenômeno aqui estudado.

2.3 A COMUNIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA[3]

Da origem e fundação da Comunidade Rio Guajará de Beja

Segundo a obra ***Rio Guajará de Beja: coletânia de textos*** (2007) a comunidade hoje conhecida como *Rio Guajará de Beja* teve origem por volta do ano de 1808, e se chamou, a princípio, Comunidade Guajará de Beja. Está localizada à margem do Rio Guajará, a quatro quilômetros da cidade de Abaetetuba. Inicialmente, a localidade foi habitada por duas famílias, uma que veio de Portugal e outra que era de origem indígena.

A palavra Guajará era o nome de uma tribo indígena e o nome dado a uma árvore tintória, que havia no local, a qual os índios utilizavam para se pintar. O rio Guajará faz fronteira com a antiga Baía de Belém do Pará, atualmente denominada de Baía de Beja. A localidade no início era um lugar cheio de matagal, e ao longo do tempo as famílias que ali chegaram começaram a tratar do local construindo moradias e fazendo plantações. Com o

[3] Informações pautadas nos relatos orais dos informantes da comunidade pesquisada e que correspondem aos moradores mais antigos da comunidade Rio Guajará de Beja, contidos na obra ***Rio Guajará de Beja: coletânia de textos*** (2007).

passar dos anos, a localidade foi sendo povoada e crescendo cada vez mais. A fama de que o lugar possuía terras produtivas atraiu imigrantes, o que favoreceu o crescimento da comunidade, uma vez que, vieram famílias da Alemanha e de muitos lugares do Brasil para residirem na região. No entanto, as atividades desenvolvidas pelos primeiros moradores como caça, pesca mineração e agricultura não davam, financeiramente, muitos lucros.

O rio era o único meio de acesso utilizado pelas pessoas para ir e vir da localidade para outros lugares, como o centro da cidade de Abaetetetuba. Além da navegação o rio também constituía, e ainda constitui - se na fonte de alimentação através da pesca do camarão e do peixe, principais recursos que faziam, e ainda fazem parte do dia a dia da comunidade. O lugar cresceu e ganhou forma, e atualmente habitam na comunidade mais de 300 famílias. Mais bem estruturadas que as passadas e o local é conhecido como Rio Guajará de Beja.

Dos aspectos geográficos: localização do Rio Guajará de Beja

Ainda segundo a obra ***Rio Guajará de Beja: coletânea de textos*** (2007), em termos geográficos, a localidade do Rio Guajará de Beja, situa-se na zona nordestina do município de Abaetetuba. Tendo como limite: ao norte a Comunidade do Maranhão e ao sul a Comunidade do Tauerá. O leste limita-se também com elas e a Baia de Beja e o Rio Pirocaba. O rio Guajará de Beja nasce às proximidades do rio Guajarazinho na localidade do Maúba, que fica bem próxima da Vila de Beja, inclusive Maúba está ligado às proximidades desta. Para se deslocar da comunidade Rio Guajará de Beja para a Vila de Beja existem dois tipos de acesso: o ramal[4] (ver foto em anexo) e o fluvial.

O ramal é diariamente utilizado para o trânsito de ônibus, carros particulares, motos e bicicletas, os quais transportam ribeirinhos para Vila de Beja e para as comunidades mais próximas, e principalmente para o centro comercial (urbano) da cidade de Abaetetuba. O acesso fluvial é utilizado com a mesma finalidade, o tráfego de pessoas, por meio de embarcações como barcos freteiros[5] e da linha[6], canoas[7] e rabetas[8], etc. (ver fotos em anexo).

---

4 Ramal: corresponde à estrada de terra não pavimentada.

5 Barcos freteros: embarcação de médio porte, utilizada para transportar mercadorias como madeira, tijolos, telhas, etc., para comercialização.

6 Barcos da linha: embarcação de pequeno porte utilizada, exclusivamente para o transporte de ribeirinhos para as cidades.

7 Canoas: embarcações pequenas, sem motores, utilizadas apenas para o tráfego dos riberinhos somente no interior do rio.

O Rio Guajará de Beja se caracteriza como rio perene[9], e sua água é barrenta, depende naturalmente da água da chuva e dos afluentes e subafluentes da região. Está situado em uma área de ampla planície sendo um rio plenamente navegável. Na sua foz apresenta uma pequena ilha e de uma área pantanosa em processo de formação (ver foto em anexo). No período das águas baixas, entre os meses de julho a novembro essas áreas e a pequena praia chamada de São Francisco – também localizada em sua foz – são muito visitadas por turistas e pescadores.

A importância do rio para os ribeirinhos, como já falamos, foi e continua sendo grande, justamente por ser um rio intensamente navegado pelos mais variados tipos de transportes fluviais como barcos pesqueiros e freteiros que transportam madeira, tijolos, telhas e outros tipos de mercadorias. Os barcos de linha que transportam passageiros, assim como as rabetas, botes, montarias e cascos também navegam pelo rio.

Para chegar até a comunidade pelo acesso fluvial se gasta de 30 a 60 minutos, dependendo da embarcação e de ônibus o tempo gasto é, em média, 40 minutos, pois a estrada e os ramais de acesso estão em péssimas condições de trafegabilidade. O valor da passagem para ir e voltar à comunidade é R$ 4,00 no total (R$ 2,00 de ida e R$ 2,00 de volta, de ônibus ou barco de linha).

Outra grande importância do rio diz respeito à fonte de alimentação, uma vez que os ribeirinhos retiram dele vários tipos de pescados. Com destaque para a pescada branca que é pescada de forma artesanal, isto é, com as linhas de nylon, rede de pesca, tarrafas[10] e espinhéis[11]. O matapi[12] (ver foto em anexo) também é utilizado para pescar camarão, que se constitui em mais uma das fontes de alimentação natural para os moradores da comunidade.

Entretanto, segundo o relato dos antigos moradores, com o passar dos tempos, aconteceram grandes mudanças em relação à realidade sócio-geográfica e econômica, pois antes de tais transformações “tudo era muito farto”, havia abundância de recursos naturais. Hoje ainda existe uma relativa fartura de alimentos, porém, nada comparado a épocas anteriores. Produtos como o peixe, camarão e, até mais recente, o açaí, apresentam certa escassez atualmente. Vários fatores contribuíram para esta nova realidade, pois, como os próprios moradores ribeirinhos (embora sem conhecimento científico) admitem, a provável

---

8 Rabetas: embarcações de pequeno porte, motorizadas, utilizadas para as viagens mais próximas e no interior do rio.

9 Rio perene é um rio permanente, ou seja, que não seca.

10 Rede de pesca em formato arredondado com pesos de chumbo em suas extremidades

11 Linha de pesca com mais de 10 anzóis

12 Instrumento arredondado em forma de gaiola utilizado para capturar camarões

causa é o processo de poluição do rio: como o despejo de óleo diesel, objetos descartáveis, garrafas, materiais plásticos, latinhas de cerveja e refrigerante que são jogados nas águas, além do intenso desmatamento.

Além disso, ainda existem os dejetos das indústrias de minério situadas na cidade de Barcarena que vem em direção à baia situada no Rio Pará e são jogados na baia de Beja e nos rios que nela deságuam. Esse tipo de poluição ocasiona a morte ou a fuga do pescado para águas limpas, o que acaba reduzindo a fonte de alimentação natural dos ribeirinhos.

As casas espalhadas pela localidade são, em sua maioria, feitas de madeira tendo algumas de alvenaria, as quais pertencem aos moradores que gozam de uma condição financeira melhor.

Há na comunidade duas escolas em pleno funcionamento, duas igrejas sendo uma católica e outra evangélica, uma serraria (foto em anexo) e muitos barcos. A localidade possui também energia elétrica em todas as casas desde o ano passado 2006, quando foi inaugurado esse serviço para os ribeirinhos, o qual provocou muitas mudanças, uma vez que, as pessoas passaram a comprar aparelhos de televisão, geladeiras, DVD, aparelho de som entre outros. Temos na comunidade vendas de chope, gelo, alimentos como carne de boi, frango e peixes, outros serviços como cortes de cabelos, venda de açaí, pão e variedades de mercadorias, formando um conjunto de produtos e serviços que no passado só poderiam ser adquiridos na cidade de Abaetetuba.

Dos aspectos sócio-culturais da comunidade Rio Guajará de Beja

Educação

Segundo informações dos moradores mais antigos[13], a educação na comunidade Rio Guajará de Beja inicialmente era desenvolvida por professores, que tinham concluído o antigo ginásio e lecionavam em suas próprias casas, em ambientes não apropriados, sem apoio da prefeitura e recebiam um salário muito baixo, mas apesar de todas essas dificuldades conseguiam alfabetizar seus alunos. Dentre essas professoras pode-se citar Benigna Xavier, Maria Raimunda Trindade e Maria Madalena Baia. As quais lutaram para conseguir a

[13] Informações oriundas de relatos orais de moradores (informantes) mais antigos da comunidade pesquisada.

construção de uma escola. Inicialmente as referidas professoras fizeram uma reunião com a comunidade e propuseram a construção de um barracão, onde pudessem trabalhar, apesar de várias reivindicações, não foram atendidas. A referida reunião foi realizada no mês de Março de 1990 na residência do Sr. Raimundo Soares da costa, que vendo as necessidades vividas e as dificuldades que as professoras vinham enfrentando, resolveu doar uma área de terra medindo 30m X 60m para a construção do Barracão. Os demais materiais foram doados pelos pais dos alunos que estavam presentes na reunião.

No ano de 1991 iniciaram-se as aulas no Barracão que se encontrava apenas coberto e aterrado. Houve outra reunião para a escolha de uma professora à coordenação da escola, então, Maria Madalena Baia foi indicada para o cargo e outros professores juntamente com algumas pessoas da comunidade formaram o grupo de docentes e funcionários da escola. Foi também, escolhida uma pessoa para ficar responsável pelo término da construção, o Sr. Angelino Baia que, por ter boa amizade com o empresário Afonso Sarges da Rocha, também da comunidade, conseguiu auxílios para a conclusão da escola. Após uma visita à comunidade o empresário se prontificou a ajudar os moradores construindo uma sala de aula, uma cozinha e um banheiro, construídos de madeira. Por tal feito Afonso Sarges da Rocha pediu a comunidade que registrasse a escola em homenagem a seu pai Raimundo Sarges da Rocha, (In Memórian), popularmente conhecido como seu "Dedico". Em 1998 a comunidade recebeu a visita do Prefeito, na época, o Senhor Elzemar da Silva Paes, juntamente com o Senhor José Miguel da Rocha e o empresário Afonso Sarges. Eles anunciaram a construção da nova escola, agora de alvenaria, a qual foi construída, sendo inaugurada no dia 02 de Março de 1999. (ver foto em anexo)

Em 2007[14] a referida escola completará 16 anos de existência, possuindo 05 salas de aula, secretaria, depósitos de alimentos, banheiro interno e externo, cozinha, energia elétrica, poço artesiano, PDDE (Programa do dinheiro direto da escola), merenda, livros didáticos e conselho escolar. Seu corpo docente e discente é composto de 14 funcionários, sendo 11 professores, um vigia e duas serventes. Atende cerca de 370 alunos, divididos em 18 turmas: 03 turmas do infantil, 05 do ensino fundamental menor, 04 do fundamental maior e 03 do ensino médio. Através do programa especial da Secretaria Estadual de Educação denominado de Grupo Especial de Ensino Modular (GEEM), há hoje 02 turmas do projeto Educação de

[14] De acordo com a obra ***Rio Guajará de Beja: coletânea de texto***s, 2007.

Jovens e Adultos (PEJA) e uma turma do projeto Vale Alfabetizar (um programa realizado pela fundação Vale do Rio Doce).

A escola funciona nos horários da Manhã, Tarde e Noite e tem atualmente, como coordenadora a professora Márcia Valéria Baia.

Outra escola importante para a comunidade é a escola Municipal São Francisco Xavier, localizada nas margens do Rio Guajará de Beja, a qual foi construída a partir das reivindicações feitas pelos pais de alunos da comunidade, que moram distante e precisavam atravessar o rio enfrentando maresias, chuvas e sol, muitas vezes a remo[15], pois eram raras as embarcações motorizadas nessa época, para chegarem até a escola Municipal "Raimundo Sarges da Rocha", a única escola então existente na localidade. Foi, então, que durante uma missa na Igreja de São Francisco, dirigida pelo Padre Antônio, os moradores pediram auxílio para construir uma escola com o intuito de diminuir as dificuldades vividas. Passados alguns meses o Padre Antônio juntamente com o Senhor Francisco Xavier e com ajuda do deputado Estadual João de Deus, conseguiram recursos para a construção de uma escola que registraram com o nome do Padroeiro da Comunidade: São Francisco Xavier, por acreditarem que foi ele quem mais contribuiu para a realização do projeto.

No ano de 2000, iniciou-se a construção de uma escola e no ano seguinte ela passou a funcionar, com o prédio ainda não concluído. Após três anos em 2004, o prédio começou apresentar más condições, devido a isso, a escola foi transferida para o centro comunitário que fica ao seu lado, onde atualmente funciona. (ver foto em anexo). Atendendo 60 alunos matriculados, divididos em três turmas: uma do Ensino infantil, uma fundamental menor, e uma do projeto Educação de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), 04 Funcionários, sendo três professoras e uma servente. O centro comunitário (Escola) é dividido em três salas de aula, uma cozinha e um banheiro. A escola recebe a merenda escolar e o livro didático. Tem energia elétrica, PDDE e Conselho Escolar.

Portanto, segundo as informações de moradores e professores que atuam no local, a educação na Comunidade Rio Guajará de Beja esta distribuída nos seguintes níveis: Ensino infantil e fundamental menor Coordenado através da Secretaria Executiva Estadual de Educação esta última denominada de Grupo Especial de Ensino Modular (GEEM),

---

15 Remo: Objeto de madeira, em geral, com formato arredondado em uma das extremidades, sendo esta ligada a um cabo, utilizado para locomover as embarcações pequenas no rio.

funcionando nas duas escolas Municipais acima citadas: Raimundo Sarges da Rocha e São Francisco Xavier.

Religião

Religião é uma palavra bastante complexa, quando a definimos não podemos levar em conta apenas determinados aspectos, mas todos eles: O emocional, o ritual, o ético e outros. Entretanto uma coisa é certa: a religião é universal, encontrada em todas as sociedades, desde a mais primitiva até a mais contemporânea.

Nesse sentido, na comunidade do Rio Guajará de Beja não poderia ser diferente. As religiões existentes são duas: a Católica e a Evangélica (Assembléia de Deus) que foi fundada no dia 18 de Junho de 1911, em Belém, PA, pelos missionários Suecos Gunnar Vingren e Daniel Bereg. Obra **Rio Guajará de Beja: coletânea de textos (2007)**.

Segundo Informações adquiridas com os evangélicos da Igreja Assembléia de Deus que se congregam na Congregação Mar da Galiléia situada às margens do Rio Guajará o evangelho chegou à comunidade por meio do casal[16] Hipólito e Tomázia Baia de Carvalho, que passaram a residir no local, designando sua casa para a realização dos cultos da referida ceita. O casal presenciou a conversão de muitos fiéis, entretanto não foi cumprido um de seus objetivos que era a construção de um templo evangélico. Então, Sr. Hipólito Martins de Carvalho doou uma parte de seu terreno onde deveria ser construído o templo, mas ele adoeceu e ficou vários anos enfermo depois veio a falecer e não pôde ver a concretização do seu desejo. Entretanto, sua esposa continuara firme, seguindo a religião. Com o passar do tempo mais pessoas "aceitaram a Jesus" e passaram a freqüentar a congregação. Em 1992, com a administração do Presbítero Godofredo Cardoso, iniciaram-se as construções do templo. Os cultos, inicialmente, aconteciam uma vez por mês, com o passar de alguns meses passaram a acontecer semanalmente, sendo todas as terças-feiras e um culto no primeiro sábado de cada mês.

A construção do templo foi realizada com o dinheiro da coleta retirada nos cultos e com a ajuda, de mão de obra, do Senhor João Baia de Carvalho. Devido às ofertas serem poucas e apesar dos esforços o trabalho ficou parado durante um ano. No dia 17 de Junho de 1996, deu-se continuidade por ter aumentado o número de fiéis e conseqüentemente o número de contribuintes das ofertas. Nesta segunda fase da construção o primeiro a doar a oferta foi o

[16] Foram os precursores responsáveis por realizar os cultos da igreja cristã na comunidade.

fiel Isaias Brandão Baia e família que ofertou R$ 150,00. O segundo foi o Pastor Carlos Natalino que doou as telhas e mais R$ 100,00, além de outras ajudas de mão de obra e materiais de construção.

No ano de 1997 os cultos passaram a ser realizados na Igreja denominada Congregação Mar da Galiléia, nome dado pelo Pastor Carlos Natalino. O primeiro dirigente da Congregação foi o "irmão" Daniel Maciel Pinheiro que permaneceu à frente do trabalho até o ano de 2000, em seguida o irmão evangelista Reginaldo Machado Maciel trabalhou até a inauguração do templo, a qual foi realizada no dia nove de dezembro de 2000.

Desde sua inauguração, até a época atual, a Congregação Mar da Galiléia já teve vários dirigentes. Atualmente ela pertence ao campo de Abaetetuba, onde o templo central é dirigido pelo Pastor José Nazareno Souza e este indicou como dirigente da referida congregação o Pastor Reginaldo Machado Maciel, o qual vem dando continuidade ao trabalho evangélico e de construção da Igreja agora não mais de madeira e sim de alvenaria, construção esta que ainda esta em andamento. (ver foto em anexo)

A referida congregação é dividida nos seguintes departamentos: departamento infantil, de adolescente, da mocidade, das senhoras e dos senhores. Essa divisão faz parte das regras da Igreja sendo que todos executam trabalhos. Cada departamento tem um nome, o grupo das crianças é chamado Trabalhando Para Cristo, já o grupo dos adolescentes chama-se Adonai, o conjunto de mocidade chama-se Arauto Celeste e os das senhoras é denominado Estrela da Manhã, finalizando temos o departamento dos senhores chamado Mensageiros de Cristo. Para cada grupo é escolhido um ou dois assistentes, uma ou duas regentes os quais desempenham um importante trabalho cada qual com o seu departamento.

Além disso, todos esses grupos realizam festas em agradecimentos a Deus, entre elas a EBF (Escola Bíblica de Férias) que é uma reunião alegre e divertida, o tempo de desenvolvimento é de três a quatro dias, é realizada para as crianças evangélicas ou não. Para trabalhar com elas são designadas algumas pessoas para ensinar o evangelho, por meio de histórias bíblicas, hinos, além disso, desempenham muitas outras atividades com as crianças. Outras festas são os Congressos e Pré-Congressos que são encontros de jovens que tem duração de três dias, sendo que cada grupo realiza os mesmos separadamente, em datas diferentes, sendo estas definidas pelo dessa dirigente da congregação forma. Outro momento de fundamental importância é o Culto, em que os fiéis se reúnem para cultuar a Deus, através de orações, cantos e estudo da Bíblia, tudo para edificar cada vez mais os Cristãos. Existem ainda duas ordenanças da Igreja, as duas cerimônias ordenadas por Cristo: o "Batismo em

água" e a "Ceia do Senhor". A primeira é uma cerimônia de ingresso do "novo crente" na igreja, simboliza o início de uma vida espiritual e significa para o cristão dar um testemunho público de sua identificação em Cristo, a nova vida indicada a partir da convenção. Além de ser o sinal exterior, o qual mostra que a pessoa "morreu para o mundo e nasceu para Deus", assim, cada um repete de modo espiritual o que aconteceu com Cristo, ou seja, segundo a bíblia, ele morreu e ressuscitou, então pelo batismo, o fiel prova de que este é vitorioso. Entretanto, segundo essa doutrina o batismo em água não salva, por que em si não existem provas para tal. A Igreja estabeleceu esta prática para que o "novo crente" se torne um membro da mesma e participe da "ceia do senhor". São batizadas apenas pessoas adultas. A ceia do senhor também é outra ordenança deixada por Jesus e, segundo a bíblia, significa a continuação desta vida espiritual. Esta cerimônia é realizada na Igreja uma vez por mês, sendo que o culto em que a mesma ocorre só pode ser dirigido pelo pastor. Nesse caso a seia do senhor se constitui em uma cerimônia espiritual em que os fiéis devem participar em atitude solene, meditativa e reverente. Por isso, segundo os evangélicos da congregação Mar da Galiléia, é fundamental para o cristão participar da "ceia do senhor" como forma de manter sempre a comunhão com Jesus.

A outra religião existente no Rio Guajará de Beja, como já dissemos inicialmente, é a Católica, que já existe há mais de 50 anos, iniciada pelo Senhor Secundino Xavier[17], o qual possui uma imagem de São Francisco Xavier. Na época da festividade do referido Santo o senhor Secundino matava dois porcos para dar aos moradores (que hoje são chamados de coordenadores) era mais de 50 moradores, cada um deles (antes da festa) recebia um convite, que na época custava um tostão. Nesse tempo não existia um grupo de coordenadores, apenas o Senhor Secundino fazia o balanço da festa. Também não existia Igreja, as festas eram realizadas na casa do organizador. Após sua morte assumiu em seu lugar, a coordenação da comunidade católica, seu filho, Itamar.

O senhor Itamar com a ajuda dos moradores conseguiu uma capela de madeira e quando foi inaugurada contou com a presença do primeiro padre, que se chamava Valeriano. Nesta festa de inauguração foi contratada uma aparelhagem chamada "gansavér" o dono dela era o senhor Pedrinho que morava na Vila do Conde sendo o locutor o senhor Almir.

---

[17] Morador que iniciou o festejo ao Santo São Francisco Xavier e consequentemente a religião católica na comunidade Rio Guajará de Beja

No tempo de seu Secundino não existia novena apenas uma noite de festa. Já no tempo de seu Itamar começaram a fazer novenas. Nesta época eram duas noites que havia novenas, hoje existe mais ou menos um mês de novena.

A direção da comunidade católica, desde os tempos do senhor Itamar até os dias de hoje, vem passando de geração em geração.

Depois desse período inicial foi construída uma Igreja de tijolos, um centro comunitário os quais existem até a atualidade (foto em anexo), e que foram erguidos com os esforços do senhor Acides. Este por sua vez, coordenou a comunidade até o seu falecimento.

Os batizados e casamentos são realizados com menos freqüência de outras cerimônias como primeira comunhão e as missas.

Atualmente a festividade, que antes acontecia apenas uma noite, realiza-se duas noites e, com relação a coordenadores, antes havia apenas um, atualmente, existem dois coordenadores e um tesoureiro.

Cultura popular

De acordo com a obra ***Rio Guajará de Beja: coletânia de textos*** (2007), a cultura da comunidade Rio Guajará de Beja, como a de todo povo brasileiro, tem descendência indígena, portuguesa e africana. Nesse sentido no ano de 1956, o festejo de São João começou a ser realizado, caracterizando uma festa a tal Santo e dando início à cultura da localidade, nesta festa as pessoas faziam uma grande fogueira, que era o principal símbolo da mesma. Então as pessoas iam "passar fogueira", tal ritual consistia em: duas pessoas seguravam uma vara de um lado e de outro e começavam balançar entre as chamas da fogueira em seguida cantavam uma musiquinha que dizia: "São João disse São Pedro confirmou para nós nos chamarmos (primos, compadre, comadre a critério), pois Jesus Cristo mandou". Atualmente as pessoas pouco passam fogueiras, pois a festa de São João é comemorada através de guloseimas, como mingau de milho, pamonha, pipoca, vatapá e outros, também com os famosos foguetinhos, bombinhas, estalinhos, coisas que divertem as crianças. Os salões onde eram feitas essas festas eram enfeitados com bandeirinhas. Também nessa época era realizado o Círio de São João que foi comemorado pelos organizadores: Orito Carvalho, Edivaldo Cardoso, Ivair Silva, Ivan Silva e Artino Araújo. Esse Círio tinha como partida a residência do Sr. Angelino Belo, até o porto do Sr. Ladico, esse trajeto era realizado na embarcação do Sr. Asioli Cordeiro. Na

chegada cantava-se uma longa ladainha, e depois dava-se início à festa, após as 10h da noite começava a famosa quadrilha, que era destaque da festa, assim como a valsa. Através dessas danças eram feitas competições em que os ganhadores recebiam como prêmio 02 litros de vinho. Havia também a ramada onde eram colocados vários prêmios que correspondiam a donativos que eram leiloados no decorrer da festa.

Anos mais tarde criou-se um grupo de pessoas que se chamava América Esporte Clube, esse grupo dedicou-se inteiramente a esses tipos de eventos, então se reuniram e conseguiram angariar fundos para a construção da sede do clube. A sede foi inaugurada e teve como abertura um torneio de futebol, uma vez que ela foi erguida bem próxima de um campo chamado São Sebastião. Após o fim do jogo a tarde deu-se início a festa dançante às 10 horas da noite iniciava a tão esperada quadrilha com muita dança. Havia também as "*missies"* que eram meninas muito bem fantasiadas, que dançavam e desfilavam para os jurados. Depois das danças e desfiles, todos se dirigiam para fora da sede onde havia uma divertida brincadeira que se chamava "pau-de-sebo": colocava-se um pau bem grosso, melava-se de sebo até ele ficar bem liso, no topo do pau amarravam-se alguns prêmios, que eram, às vezes, dinheiro, bombons, frutas e outros. Então os brincantes tinham que conseguir subir até o topo, alcançar os prêmios para poder ficar com eles. Após isso a festa dançante continuava.

Nessas festas acontecia algo que hoje para os moradores é muito engraçado, porém na época era muito sério. Durante a festa se a dama fosse convidada para dançar, e não quisesse, ou seja, fizesse uma desfeita[18] para o cavalheiro, o dono da festa prendia a moça num quarto até o final da mesma, era melhor e mais conveniente aceitar ir dançar com o rapaz por mais feio que ele fosse do que perder a festa inteira por causa de uma desfeita, entretanto, havia moças que queriam dançar apenas com rapazes bonitos.

Outro fato curioso que acontecia era que às 06h 30 min da manhã ao término da festa, serviam comida no salão da sede para os "ressacados". Tais comidas sempre vinham servidas em vasilhas de barro, feitas por pessoas da comunidade. Essa outra comemoração feita depois da festa era a famosa "*farofa da ressaca".* Na época não havia cerveja, só cachaça pura e às vezes refrigerante, mas com isso mesmo o povo se divertia muito.

O grupo América Esporte Clube era muito querido devido sua ótima organização, foi este também que organizou uma grande festa de carnaval e trouxe, pela primeira vez, a dança do boi que veio da Vila de Beja, tais eventos, como sempre, foram realizados na sede do América em frente ao Campo São Sebastião.

---

18 Quando a dama se recusa a dançar com o cavalheiro.

Em setembro de 1999, alguns anos após a comemoração de vários festejos, ocorreu um incidente: o Sr. Pedro Sarges fez uma roça[19] atrás da sede do América Esporte Clube e ao queimar essa roça vieram algumas faíscas de fogo que caíram na coberta (telhado) de palha da sede. Aconteceu que aos poucos o lugar foi se transformando em cinzas. Seu Pedro muito aflito tentou apagar o fogo com a ajuda de sua família, mas não conseguiu. Os organizadores tentaram reerguer a sede, porem não conseguiram, pois o prejuízo foi muito grande. Esse clube foi muito importante para comunidade, pois segundo os moradores, se não fosse ele a localidade Rio Guajará de Beja não teria conhecido essas comemorações que citamos anteriormente.

Nos últimos anos, a dança do boi, a quadrilha e o carnaval são comemorados, algumas vezes, na escola Raimundo Sarges da Rocha. Nessas comemorações acontecem vendas de algumas guloseimas como: frango com arroz, vatapá, mingau, pipoca, doces e outros. A renda é revertida para melhorias na escola. Em 2000, 2001 e 2005 houve apresentação de quadrilha na referida escola, assim como a dança do boi. As quadrilhas foram sempre organizadas pelos professores com destaque para os organizadores do ano de 2005, pois além das lindas danças, houve a competição do pau-de-sebo, das "misses" entre outras. A dança do boi foi feita no ano de 2000 em que a professora Raimunda Trindade e sua colega de trabalho Rosilda construíram um boi de papelão com enormes chifres, então uma pessoa entrava embaixo dele e começava a dançar, todos tinham que adivinhar quem estava dentro dele.

A última festa que aconteceu na escola Raimundo Sarges da Rocha foi organizada pelos professores do GEEM (Grupo Especial de Ensino Modular) os quais promoveram bingos para pagarem um coreógrafo que veio ensinar aos alunos novas coreografias para apresentação de uma nova dança que fazia referência à natureza. Ao final dessa apresentação houve a apresentação da quadrilha, que não podia faltar, pois ela se chamava Quadrilha Maluca, ou seja, homem dançava com homem, mulher com mulher e nem todos os participantes estavam fantasiados, alguns meninos estavam vestidos de meninas e vice-versa.

Medicina Popular

A medicina popular que é o mesmo que remédios caseiros, na Comunidade do Rio Guajará de Beja, está voltada para o uso de ervas e plantas. Através delas os moradores

[19] Uma área onde é feito o plantio da mandioca, também conhecida como aipim.

faziam e fazem remédios em suas próprias casas, os quais são rápidos, fáceis de fazer e muito práticos.

Os remédios caseiros eram muito apreciados pelos antigos moradores, pois antigamente quando algum morador sentia algum mal-estar ou algo mais grave, a alternativa imediata eram esses remédios, devido ao fato de ser complicado e até mesmo impossível se chegar à cidade mais próxima em busca de atendimento médico em pouco tempo. Então, cientes da situação os moradores sabiam que só podiam contar com a ajuda de Deus, com o que a natureza podia oferecer-lhes e com suas experiências.

Atualmente essa medicina popular é praticada apenas por alguns idosos e poucas pessoas mais jovens, apesar de ter grande efeito positivo sobre as doenças. Com o passar do tempo, devido às transformações acontecidas como o surgimento do barco movido a motor, abertura dos ramais, implantação da linha de ônibus, serviço de energia elétrica, entre outros, houve mudanças que facilitaram muito a vida dos moradores, inclusive o deslocamento deles até a cidade a qualquer hora. Este fator contribuiu muito para que as pessoas deixassem de lado os remédios caseiros, dando preferência aos que são vendidos nas farmácias.

Entretanto, essa medicina caseira foi e continua sendo, mesmo que em menor escala, um aspecto importante da história do Rio Guajará de Beja e por isso não deve ser esquecida. Nesse sentido registramos neste trabalho algumas receitas de tais remédios caseiros em anexo (ver anexo 4).

Da cultura de subsistência

Pescaria Artesanal

A única forma de pescaria que existe na localidade Rio Guajará de Beja é a artesanal, que é um dos meios utilizados pelos ribeirinhos para sobreviver. Ela é praticada em parceria e realizada com poucas redes, matapi, rede de lancear, cambão, linhas com anzóis, etc...

Os pescadores saem para pescar de acordo com a maré, às vezes vão de manhã, à tarde, ou até mesmo de madrugada. Os peixes que eles costumam pescar são: o Mapará, a Pescada, o Mandii, entre outros. Alguns pescam apenas para o seu sustento, outros retiram para sua alimentação somente o necessário e vendem o restante.

O tipo de transporte que eles utilizam é o casco a remo e às vezes a rabeta, sendo que os pescadores sempre enfrentam muitas dificuldades para chegarem até a baia, como a correnteza e maresias. Existem alguns moradores que pescam em regiões vizinhas como o Pacoval e na vigia. Estes passam um bom tempo longe de casa, porque esses lugares ficam longe da comunidade, os transportes utilizados são barcos pesqueiros. As espécies pescadas são: filhotes, dourados, pescadas amarelas, etc...; quando fazem uma boa pescaria vendem em Belém uma parte; a outra fica para o sustento e às vezes negociam com os moradores locais por um bom preço.

Além disso, existe também a pesca do camarão; à tarde mulheres e homens pescadores começam a iscar matapís, que são colocados em lugares estratégicos no rio, de acordo com o conhecimento e experiência de cada pescador. Bem cedinho os pescadores vão despesca os matapís e conforme a quantidade de camarões pescados usam como alimentação e/ou colocam no viveiro para serem vendidos posteriormente.

Há outros tipos de pescas que existem na comunidade e a qual se faz com uma linha que contém dez anzóis e a de espinhel, que é uma corda com uma quantidade de anzóis superior a dez.

Porém, os pescadores precisam respeitar o período de defesa dos peixes, que dura 4 meses, de Novembro a Fevereiro. É o período em que os peixes estão em reprodução (desovando); durante esse tempo só podem pescar de linhas e no máximo 5 quilos de peixe, apenas para alimentação. Aquele que desobedecer e for preso pelo IBAMA pode ter suas redes tomadas, paga multa da quantidade do pescado excedente e ainda perde o seguro, que é o dinheiro recebido durante os quatro meses que a pesca fecha fica proibida.

No Rio Guajará de Beja os pescadores tem a sua associação a Colônia dos Pescadores que foi fundada no dia 16 de Maio de 1985 com apenas 15 associados. Ela tem como objetivo apoiar os pescadores e lutar por melhorias para a classe, através de projetos e parcerias com poder público e particular. Atualmente a Colônia conta com 2014 associados que são representados desde 2005, e até o momento, pelas senhoras Maria Odília, Socorro, Maria de Nazaré e Odicilene.

Os pescadores que se associam na Colônia a partir de um ano de comprovação de atividade têm direitos aos seguintes benefícios: auxilio doença; auxilio reclusão; auxílio acidente de trabalho e seguro Desemprego.

Agricultura

Na comunidade Rio Guajará de Beja muitos moradores sobrevivem da produção de farinha de mandioca. Eles fabricam esse produto a partir de um processo que começa desde a preparação do solo até chegar ao produto final, a farinha, que é consumido e vendido. Além desse produto são extraídos outros como o tucupi, a tapioca, a cruera que também são vendidos e consumidos pelos ribeirinhos. Esses trabalhadores também possuem uma associação o STRA (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) que começou a vigorar na comunidade em 1998, pelos esforços da senhora Elizabete, que se interessou em trazer até os lavradores da localidade o conhecimento sobre esses direitos. Inicialmente a associação contava apenas com 10 sócios, hoje são 110 associados. Essa associação foi muito importante para os lavradores da comunidade uma vez que veio garantir benefícios como: auxílio maternidade, advogado, empréstimos, aposentadoria, etc...

Outras fontes de subsistências

O açaí também é muito consumido na localidade e quando chega o período que ele fica abundante (safra), alguns moradores comercializam esse produto para sobreviverem.

O carvão se constitui também em um produto comercializável na comunidade, mas em escala pequena uma vez que, produzi-lo é muito trabalhoso e seu preço de venda é muito baixo. Além disso, a maioria dos moradores usa fogão a gás.

CAPITULO III: METODOLOGIA: DA PESQUISA, COLETA DE DADOS, SELEÇÃO DOS INFORMANTES E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

3.1 DA PESQUISA: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Este trabalho tem como base o modelo teórico-metodológico da sociolingüística. Por isso, a explicação do fenômeno lingüístico aqui pesquisado, consiste em uma análise descritiva, de perspectiva sociolingüística, tendo em vista uma análise qualitativa do uso das variantes /ãw̃/, /õw̃/ e /õ/ na fala dos moradores da comunidade Rio Guajará de Beja, localizada na região das ilhas do município de Abaetetuba-PA. Nesse sentido, levamos em consideração que os *fatores sociais* sexo, escolaridade e idade, e os *fatores lingüísticos* quantidade sílabas, ambiete fonético (sons vizinhos), tonicidade da sílaba e posição da variante na palavra condicionam a variação em destaque na referida comunidade.

No período de março a maio de 2007 iniciamos o trabalho de pesquisa a partir do levantamento bibliográfico de obras que nos dessem base para subsidiar o solo teórico, assim como, a análise dos dados obtidos durante a realização desta pesquisa. No final do mês de maio realizamos a pesquisa de campo (coleta de dados) na comunidade ribeirinha em questão, e no mês de junho transcrevemos os dados e no mês de julho fizemos a análise e interpretações dos dados coletados.

Dessa forma para melhor percebermos o fenômeno lingüístico estudado, os informantes foram selecionados obedecendo as seguintes características sociais: todas pessoas nascidas e criadas na comunidade ou que não tenham se ausentado dela por mais de seis meses, sendo tais pessoas filhos de pais também nascidos e criados no local, descendentes ou não de quilombos.

Nesse sentido, entrevistamos oito informantes sendo quatro mulheres e quatro homens de acordo com a seguinte estratificação social.

1) Mulher, entre 18 a 45 anos, semi-analfabeta ou analfabeta;
2) Mulher, entre 18 a 45 anos, com ensino fundamental completo;
3) Mulher com mais de 45 anos, semi-analfabeta ou analfabeta;
4) Mulher com mais de 45 anos, com ensino fundamental completo;
5) Homem entre 18 a 45 anos, semi-analfabeto ou analfabeto;

6) Homem entre 18 a 45 anos, com ensino fundamental completo;

7) Homem com mais de 45 anos, semi-analfabeto ou analfabeto;

8) Homem com mais de 45 anos, com ensino fundamental completo.

TABELA 01: ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DOS INFORMANTES

Faixa etária	**Sexo**	**Escolaridade**
Entre 18 a 45 anos	Masculino	Analfabeto ou semi-analfabeto
		Escolarizado
	Feminino	Analfabeta ou semi-analfabeta
		Escolarizada
Mais de 45 anos	Masculino	Analfabeto ou semi-analfabeto
		Escolarizado
	Feminino	Analfabeta ou semi-analfabeto
		Escolarizada

3.2 DA COLETA DE DADOS E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Foram realizadas entrevistas informais nas próprias residências dos informantes, em tom de conversa, na comunidade Rio Guajará de Beja. A coleta dos dados foi feita por meio de gravações em fica cassete que contém setenta e cinco minutos de gravação. São narrativas orais que relatam experiências particulares (vividas ou observadas), e algumas histórias sobre aspectos da comunidade. E também através de transcrições grafemáticas de trechos das narrativas e fonéticas apenas dos vocábulos onde o fenômeno pesquisado ocorre. Dessa maneira, o *corpus*, no que diz respeito aos dados analisados foneticamente corresponde a vocábulos das falas dos informantes. Foi colocada em anexo uma transcrição grafemática de uma das narrativas em sua totalidade (ver anexo 3).

Por fim, foram realizadas a análise e interpretação do *corpus* por meio da aplicação do modelo teórico-metodológico da Sociolingüística, com o objetivo de se verificar quais fatores sociais e lingüísticos condicionam o uso das variantes /ãũ/ ~/õũ/~/õ/ presentes na fala da comunidade pesquisa, constituindo uma variação no nível fonético da língua e caracterizando o dialeto do lugar. Sendo a variante /ãũ/ a de prestígio social e as outras duas õũ/ e /õ/ estigmatizadas socialmente, conforme podemos verificar durante a coleta dos dados.

Adotamos neste trabalho algumas abreviaturas que codificam a estratificação social dos informantes, a saber:

)a Faixa etária

A. :Entre 18 e 45 anos

B. :Mais de 45 anos

)b Sexo:

M. :Masculino

F. :Feminino

)c Escolaridade:

ANALF. : Analfabeto

S. ANALF. : Semi-analfabeto

E.FUND.(1) : Ensino fundamental completo

E.FUND.(2) : Ensino fundamental completo e médio parcial ou completo

CAPÍTULO IV: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: O FENÔMENO DA VARIAÇÃO /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ/

4.1 DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Na análise dos dados relativos ao fenômeno da variação entre /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /ő/, existente na fala da comunidade ribeirinha do Rio Guajará de Beja, do município de Abaetetuba-PA, levamos em consideração, como já foi dito no início do trabalho, as seguintes variáveis.

a) Quantidade de sílabas da palavra;
b) Ambiente fonético (sons vizinhos);
c) Tonicidade da sílaba;
d) Posição da variante na palavra;

4.1.1 Da ocorrência dos ditongos /ãũ/ e /õũ/

1) Quanto à ocorrência dos ditongos /ãũ/ e /õũ/, de acordo com o resultado das análises, verificamos que suas realizações não estão condicionadas ao ***número de sílabas da palavra***, uma vez que eles ocorrem em polissílabos, trissílabos, dissílabos e monossílabos (quando o mesmo for tônico):

Exemplos: população /po.pu.la.'sõũ/
embarcação /ĩ.bah.ka.'sãũ/
camarão /ka.ma.'rãũ/ ~ /ka.ma.'rõũ/
patrão /pa.'trõũ/
questão /keŝ.tãũ/
mão /mõũ/
não /nãũ/

2) Em relação ao ***ambiente fonético***, inicialmente, havíamos levantado a hipótese de que os ditongos /ãũ/ e /õũ/ se realizavam em palavras cujos sons vizinhos fossem consoantes nasais. Entretanto, ao analisarmos os dados, verificamos que os referidos ditongos podem realizar-se não apenas diante de consoantes nasais (/m/, /n/ e /ɳ/), mas também diante das

alveolares (/s/, /r/), bilabial (/p/), velares (/k/, /g/), álveo-dentais (/t/, /d/), labiodental (/v/) e diante de vogal alta (/i/). Dessa forma, constatamos que o ambiente fonético (tipos de sons vizinhos) não atua como fator condicionador da realização dos ditongos /ãũ/ e /õũ/.

Exemplos: irmão /ih.'mãũ/ ~ /ih.'mõũ/
não /nãũ/ ~ /nõũ/
maranhão /ma.ra.'ɳãũ/ ~ /ma.ra.'ɳõũ/
relação /he.la.'sãũ/
conceição /kũ.sey.'sõũ/
camarão /ka.ma'.rãũ/ ~ /ka.ma.'rõũ/
pão /pãũ/
alçapão /aw.sa.'põũ/
barracão /ba.ha.'kõũ/
brancão /brã.'kãũ/
fugão /fu.'gãũ/
então /ẽ.'tãũ/ ~ / ẽ.'tõũ/
escuridão /iŝ.ku.ri'daũ/
carvão /kah.'vãũ/ ~ / kah.'võũ/
religião /he.li. ži.ãũ/ ~ /he.li. ži.õũ/

3) No que concerne á variável ***tonicidade da sílaba***, verificamos que a realização do ditongo /ãũ/ se dá tanto em sílaba tônica quanto em sílaba átona, de final de palavra. Já a variante /õũ/ aparece somente em sílaba tônica. Assim, temos que o fator *sílaba tônica de final de palvra* condiciona apenas a realização do ditongo /õũ/. Como podemos observar nos dados abaixo:

Exemplos: patrão /pa.'trõũ/
casarão /ka.za.'rõũ/
ambição / ẽ.bi.'sõũ/
foram /'fo.rãũ/
trouxeram /tro.'sɛ.rãũ/
colocaram /ko.lo.'ka.rãũ/
educação /e.du.ka.'sau/
camarão /ka.ma.'rãũ/
religião /he.li.ži.'ãũ/

4) Quanto à ***posição dos ditongos /ãũ/ e /õũ/ na palavra,*** verificamos que as referidas variantes ocorrem somente em sílaba de final de vocábulos. Ou seja, o que condiciona a realização dos mesmos é sua posição em sílaba tônica.

Exemplos: condição /kõ.dži.'sãũ/
camarão /ka.ma.'rãũ/ ~ /ka.ma.'rõũ/
carvão /kah.'vãũ/ ~ /kah.'võũ/
população /po.pu.la.'sõũ/
precisavam /pre.si.'za.vãũ/
efetivaram /e.fe.tŝi.va.'rãũ/

4.1.2 Realização de /õ/

De acordo com a análise dos dados verificamos que a vogal nasal /õ/, apreenta sua realização condicionada às seguintes variáveis lingüísticas:

)1 Quanto à ***tonicidade da sílaba***, a vogal nasal /õ/ está condicionada ao fator *sílaba tônica* de final de palavra, ou seja, sempre ocorre em sílaba tônica de final de palavra, conforme demonstram os dados abaixo:

Exemplos: verão /ve.'rõ/
João /žu.'õ/
enjeção /ĩ.že.'sõ/
carvão /kaw.'võ/

)2 Em relação ao ***ambiente fonético*** (tipo de sons vizinhos), registramos a ocorrência da vogal nasal /õ/ diante de velares (/k/, /g/), álveo-dentais (/f/, /d/) nasais (/m/, /n/, /ŋ/), labiodental (/v/), alveolares (/s/), /r/) e diante de vogal alta (/u/), como podemos observar nos dados abaixo. Assim, concluímos que o fator *ambiente fonético(tipos de sons vizinhos)* não atua como condicionador da ocorrência de tal variante.

Exemplos: brancão /brã.'kõ/
fugão /fu.'gõ/
então /ẽ.'tõ/
escuridão /iŝ.ku.ri.'dõ/
quebradão /kɛ.bra.dõ/
mão /mõ/

não /nõ/
maranhão /ma.ra.’ɳõ/
carvão /kaw.’võ/
população /po.pu.la.’sõ/
verão /vê.’rõ/
João /žu.’õ/

)3 Quanto à variável ***quantidade de sílaba***, observamos que a mesma não foi relevante (não condiciona) para a ocorrência da vogal nasal /õ/, pois esta pode realizar-se em monossílabos tônicos, dissílabos, trissílabos e polissílabos.

Exemplos: vão /võ/
mão /mõ/
feijão /fey.’žõ/
tustão /tuŝ.’tõ/
serrotão /sɛ.hu.’tõ/
camarão /ka.ma’rõ/
comunicação /ko.mu.ni.ka.’sõ/
composição /kũ.pu.zi.’sõ/

TABELA 02: VARIÁVEL LINGÜÍSTICA *POSIÇÃO* E *TONICIDADE*

Variáveis Lingüísticas	**/ãũ/**	**/õũ/**	**/õ/**
Posição da variante na palavra: posição final	/kah.’vãũ/ /ẽ.’tãũ/	/kah.’võũ/ /ẽ.’tõũ/	/kaw.’võ/ /ẽ.’tõ/
Tonicidade da silaba: • Sílaba tônica • Sílaba átona	/o.pi.’sãũ/ /plã.ta.’sãũ/	/e.ley.’sõũ/ /ka.za.’rõũ/	/la.’drõ/ /si.tu.a.’sõ/
	/e.fe.tŝi.’va.rãũ/ /na.’se.rãũ/	...	...

TABELA 03: VARIÁVEL LINGÜÍSTICA *NÚMERO DE SÍLABAS*

Variáveis Lingüísticas Número de sílabas	**/ãũ/**	**/õũ/**	**/õ/**
Monossílabo	/vãũ/	/võũ/	/võ/

Dissílabo	/ih.’mãũ/	/ih.’mõũ/	/fu.’gõ/
Trissílabo	/ka.ma.’rãũ/	/ka.ma.’rõũ/	/ka.ma.’rõ/
Polissílabo	/e.du.ka.’sãũ/	/po.pu.la.’sõũ/	/po.pu.la.’sõ/

TABELA 04: VARIÁVEL LINGÜÍSTICA *AMBIENTE FONÉTICO*

Variáveis Lingüísticas Ambiente Fonético Precedente (sons vizinhos)	**/ãũ/**	**/õũ/**	**/õ/**
Velares	/brã.kãũ/	/ba.ha.’kõũ/	/fu.’gõ/
Álveo-dentais	/keŝ.’tãũ/	/ẽ.’tõũ/	/iŝ.ku.ri.’dõ/
Bilabial	/pãũ/	/aw.sa.’põũ/	...
Labiodental	/vãũ/	/võũ/	/kaw.’võ/
Nasais	/mãũ/	/nõũ/	/ma.ra.’ɳõ/
Alveolares	/pro.fi.’sãũ/	/ka.za.’rõũ/	/ĩ. že.’sõ/
Vogal alta (anterior e posterior)	/he.li. ži.’ãũ/	/he.li.ži.’õũ/	/žũ.’õ/

4.2 DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

Em nossa análise, como já falamos anteriormente, foram arrolados como possíveis condicionadores do fenômeno de variação entre os ditongos /ãũ/, /õũ/ e vogal nasal /õ/, as seguintes variáveis sociais:

)a Escolaridade (analfabeto/semi-analfabeto, escolarizados com ensino fundamental completo);

)b Sexo (masculino e feminino);

)c Idade (18 a 45 anos, e mais de 45 anos).

4.2.1 Realização do ditongo /ãũ/

1) No que concerne à ***variável escolaridade***, observamos que a realização do ditongo /ãũ/ ocorre de forma bastante acentuada no discurso dos informantes *escolarizados que*

possuem o EnsinoFundamental (1º Grau completo), com ou sem Ensino Médio (completo ou não). Como podemos constatar nos dados abaixo:

Exemplos:

F.A.E.FUND.1[20] – situação /si.tu.a.´sãũ/

F.A.E.FUND.1 – irmão /ih.'mãũ/

F.B.E.FUND.2 – religião /he.li.ži.'ãũ/

F.B.E.FUND.2 – evolução /e.vo.lu.'sãũ/

M.A.E.FUND.2 – plantação /plã.ta.'sãũ/

M.A.E.FUND.2 – reunião /hew.ni.ãũ/

M.B.E.FUND.1 – carvão /kah.'vãũ/

M.B.E.FUND.1 – então /ĩ.'tãũ/

Vale ressaltar que no discurso dos informantes que estão iniciando o processo de escolarização por meio do Projeto Educação de Jovens e Adultos (PEJA), observamos algumas realizações do ditongo /ãũ/, mas com baixa freqüência. Neste caso, levantamos a hipótese de que o maior contanto com a escola, ou seja, quanto mais longo for o período de estudo, maior a presença da forma padrão /ãũ/ no discurso destes informantes. Dessa forma, concluímos que o fator ***alfabetizado*** (1º Grau completo com ou sem 2º Grau completo) condiciona a realização da variante /ãũ/.

2) Quanto à variável ***sexo*** constatamos que a realização do ditongo /ãũ/ se faz presente tanto no discurso das mulheres quanto no discurso dos homens. Logo, não podemos postular que a ocorrência de tal variante esteja condicionada ao fator social sexo;

3) E no que diz respeiot à variável ***idade,*** também esta não se constitui em fator relevante para a realização do ditongo /ãũ/, uma vez que, observamos a presença de tal variante tanto na fala dos informantes mais jovens com idade entre 18 e 45 anos, quanto na de informantes mais idosos, acima de 45 anos. Pois como foi dito na seção anterior, o que condiciona o uso de tal variante é o fator maior escolaridade (1º e/ou 2º Graus).

Exemplos:

M.B.E.FUND.1 – juntam /'žũ.taũ/

M.B.E.FUND.1 – foram /'fo.rãũ/

M.A.E.FUND.2 – região /he.ži.'ãũ/

M.A.E.FUND.2 – nasceram /na.'se.rãũ/

F.B.E.FUND.2 – relação /re.la.'sãũ/

---

[20] Ver tabela em anexo 1 que trata das abreviaturas usadas no trabalho.

F.B.E.FUND.2 – passaram /pa.’sa.rãũ/

F.A.E.FUND.1 – não /nãũ/

F.B.E.FUND.1 – situação /si.tua.’sãũ/

TABELA 05: VARIÁVEI SOCIAIS: DITONGO /ãũ/

Faixa Etária	Sexo	Escolaridade[21]	/ãũ/
Entre 18 e 45 anos (A)	Masculino (M)	ANALF S. ANALF	----------
		E. FUND. 2	/ko.ra.’sãũ/ /kah.’vãũ/
	Feminino (F)	ANALF S. ANALF	/ih.’mãũ/ /ka.ma.’rãũ/
		E. FUND.1	/ko.lo.’ka.rãũ/ /ŝa.’ma.rãũ/
Mais de 45 anos (B)	Masculino (M)	ANALF S. ANALF	----------
		E. FUND.1	/pro.fi.’sãũ/ /vãũ/
	Feminino (F)	ANALF S. ANALF	----------
		E. FUND.2	/ẽ.’tãũ/ /foh.ma.’sãũ/

4.2.2 Realização das variantes /õũ/ ~ /õ/

No que diz respeito à realização das variantes /õũ/ ~ /õ/, observamos que a ocorrência destas variantes está relacionada às seguintes variáveis sociais:

)1 Quanto à variável ***sexo*** os resultados da análise demonstraram que as formas /õũ/ ~/õ/ ocorrem na fala dos informantes tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino. Entretanto, observamos que entre os homens há uma tendência maior para a utilização da variante /õũ/, ou seja, os informantes do sexo masculino tendem a usar em seus discursos a variante /õũ/ com mais freqüência. Enquanto que as mulheres realizam mais a forma /õ/.

Exemplos:

M.B.ANALF - então / ẽ.’tõũ / ~ / ẽ.’tõ /

carvão /kah.’võũ/ ~/ kaw.’võ/

não / nõũ / ~ / nõ /

[21] Foram poucas ocorrências de /ãũ/ entre os informantes semi-analfabetos, e todos eram do sexo feminino.

estão /iŝ.’tõũ /
mão /mõũ/
patrão /pa.’trõũ/
casarão /ka.za.’rõũ/
eleição /e.ley.’sõũ/
barracão /ba.ha.’kõũ/
ambição /ẽ.bi.’sõũ/

M.A.S.ANALF – carvão / kah.’võũ/ ~/ kaw.’võ/
camarão / ka.ma.’rõũ / ~ / ka.ma.’rõ /
não / nõũ / ~ / nõ /
verão /vê.’rõũ/
mão /mõũ/

F.A.S.ANALF – carvão / kaw.’võ/
camarão / ka.ma.’rõ /
não ~ / nõ /
estão / tõ /
mão /mõ/
irmão /ih.’mõũ/

F.B.S.ANALF – então / ẽ.’tõ /
camarão / ka.ma.’rõũ / ~ / ka.ma.’rõ /
não / nõ /
estão / tõ /
mão /mõ/
irmão /eh.’mõũ/

Observamos, também, no discuro de um <u>mesmo informante</u> (tanto masculino como feminino), a presença de /õũ/ ~ /õ/. Como mostram os exemplos abaixo:

M.B.ANALF - então / ẽ.’tõũ / ~ / ẽ.’tõ /
carvão /kah.’võũ/ ~/ kaw.’võ/
não / nõũ / ~ / nõ /

maranhão / ma.ra.’ηõũ / ~ / ma.ra.’ηõ /

M.A.S.ANALF – carvão / kah.’võũ/ ~/ kaw.’võ/
camarão / ka.ma.’rõũ / ~ / ka.ma.’rõ /
não / nõũ / ~ / nõ /
verão / vê.’rõũ / ~ / vê.’rõ /

F.B.S.ANALF – camarão / ka.ma.’rõũ / ~ / ka.ma.’rõ /

F.A.S.ANALF – camarão / ka.ma.’rõũ / ~ / ka.ma.’rõ /

)2 No que concerne à variável ***escolaridade***, observamos que o uso das formas /õũ/ ~/õ/ está condicionado ao fator social menos escolaridade, ou seja, elas aparecem no discurso de informantes analfabetos ou semi-analfabetos, como demonstram os dados abaixo. Assim, percebemos que a variável escolaridade se constitui em um fator social decisivo para a realização destas variantes, uma vez que, os informantes escolarizados de uma maneira geral não as utilizam.

Exemplos:

M.B.ANALF - então / ẽ.’tõũ / ~ / ẽ.’tõ /
carvão /kah.’võũ/ ~/ kaw.’võ/
não / nõũ / ~ / nõ /
maranhão / ma.ra.’ηõũ / ~ / ma.ra.’ηõ /

M.A.S.ANALF – carvão / kah.’võũ/ ~/ kaw.’võ/
camarão / ka.ma.’rõũ / ~ / ka.ma.’rõ /
não / nõũ / ~ / nõ /
verão / vê.’rõũ / ~ / vê.’rõ /

F.B.S.ANALF – camarão / ka.ma.’rõũ / ~ / ka.ma.’rõ /

F.A.S.ANALF – camarão / ka.ma.’rõũ / ~ / ka.ma.’rõ /

)3 Quanto à variável ***idade as formas*** /õũ/ ~/õ/ aparecem no discurso tanto de informantes mais jovens quanto no de mais idosos. Assim, não podemos postular que o fator social idade esteja condicionando o uso das variantes /õũ/ ~/õ/.

TABELA 06: VARIANTE /õũ/

Faixa Etária	**Sexo**	**Escolaridade**	**/õũ/**
Entre 18 e 45 anos (A)	Masculino (M)	ANALF S. ANALF	/kah.'võũ/ /ve.'rõũ/
		E. FUND.2	.....
	Feminino (F)	ANALF S. ANALF	/ih.'mõũ/
		E. FUND. 1	.....
Acima de 45 anos (B)	Masculino (M)	ANALF S. ANALF	/po.pu.la.'sõũ/ /ka.za.'nõũ/
		E. FUND.1	.....
	Feminino (F)	ANALF S. ANALF	/ka.ma.'rõũ/
		E. FUND.2	/ĩ.'tõũ/[22]

[22] Esta forma foi atestada no discurso de apenas 01 informante escolarizado (1º e 2º Graus completos).

TABELA 07: VARIANTE /õ/

Faixa Etária	Sexo	Escolaridade	/õ/
Entre 18 e 45 anos (A)	Masculino (M)	ANALF S. ANALF	/ve.’rõ/
		E. FUND.2	.....
	Feminino (F)	ANALF S. ANALF	/ka.ma.’rõ/ /kaw.’võ/ /ta.bu.’rõ/
		E. FUND.1	.....
Acima de 45 anos (B)	Masculino (M)	ANALF S. ANALF	/fei.’žõ/
		E. FUND.1	.....
	Feminino (F)	ANALF S. ANALF	/ko.mu.ni.ka.’sõ/ /tuŝ.tõ/ /mõ/
		E. FUND.2	.....

CONCLUSÃO

O trabalho aqui apresentado que trata da variação entre /ãũ/ ~ /õũ/ ~ /õ/ , mostra que esta ocorre com mais freqüência, nas localidades que se encontram mais afastadas do centro urbano de Abaetetuba-PA, confirmando, o que Silva Neto (1986, p. 189) afirma em sua obra ***Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil***, de que em áreas mais isoladas, as formas lingüísticas apresentam uma feição mais arcaica da língua, como as presentes ainda hoje em certas comunidades, como a Comunidade de Rio Guajará de Beja.

Tal fenômeno, no que concerne a ***variáve social escolaridade***, (bem como questões históricas e geográficas, decorrente do proceso de colonizaçao do Brasil) está realcionado ao fato de áreas isoladas possuírem, consequentemente, difícil acesso, o que dificulta também o contato com agentes divulgadores, como a mídia, e impede a aproximação dessas comunidades com a norma culta da língua, a qual é utilizada, normalmente nas cidades. È o que acontece com a comunidade de fala pesquisada, uma vez que a mesma localiza-se na região das ilhas (arquipélago) do município de Abaetetuba.

No que concerne às formas /õũ/ ~ /õ/, segundo Silva (1991, p.74), como falamos no início desta obra, foram utilizadas durante o período do português arcaico (séc. XII, XIII, XIV e XV). E neste mesmo período, a forma /õ/ começou a ditongar-se em posição final de nomes e verbos dando origem ao ditongo /ãũ/ sendo que em certos dialetos populares do Norte de Portugal a variante /õ/ quando ditongou-se originou o ditongo /õũ/.

Como mostraram os dados da presente pesquisa, as informantes ribeirinhas da comunidade Rio Guajará de Beja tendem a usar em seus discursos as formas /õũ/ ~ /õ/ (esta última correspondendo a uma etapa anterior dos ditongos /õũ/ e /ãũ/[23]), que apesar de terem pertencido ao período arcaico de nossa língua, ainda encontra-se presentes na fala desta comunidade.

Observamos nesse sentido, que os ribeirinhos (informantes) residem em uma comunidade afastada do centro urbano, localizada na zona das ilhas do município de Abaetetuba, concluímos que isto confirma o que Silva Neto (1986) diz em seus estudos a respeito das características do português brasileiro, segundo o qual as áreas mais afastadas da zona urbana tendem a conservar vestígios do português arcaico.

---

[23] Vale esclarecer que o ditongo nasal /ãũ/ não se originou somente da forma /õ/, mas veio também de outras terminações como, por exemplo, da vogal nasal /ã/ de final de vocábulo.

> Tais áreas arcaizantes estão muito afastadas dos grandes centros, já por causa de obstáculos naturais: um rio, uma cadeia de montanhas, já por falta de comunicações [...]. Portanto o isolamento facilitou a estagnação da língua, mantendo-se pelo Brasil, verdadeiras ilhas culturais. Confirma-se, pois, o princípio de que as áreas mais isoladas são mais arcaicas (SILVA NETO, 1986, p.188-189).

Partindo do exposto acima, e levando em consideração que os informantes escolarizados utilizam, prioritariamente, em seu discurso, a forma /ãũ/, percebemos que as variantes /õũ/ e /õ/ tendem a desaparecer da fala dos moradores da comunidade Rio Guajará de Beja, pois houve na referida comunidade, a implantação do Projeto Educação para Jovens e Adultos (PEJA), e a maioria dos moradores participa e, aos poucos; estão deixando de usar as formas não padrão /õũ/ e /õ/ e fazendo uso da forma padrão /ãũ/.

Quanto aos ***aspectos lingüísticos*** do fenômeno de variação analisado, constatamos, no que diz respeito às ***variáveis lingüísticas*** foi que a localização da variante na palavra é um fator relevante para a ocorrência da mesma, pois as três variantes analisadas localizam-se somente no final de vocábulos. Já a tonicidade da sílaba constitui-se em um fator parcialmente relevante à realização da variação, uma vez que condiciona apenas as variantes /õũ/ e /õ/, enquanto que /ãũ/, pode ocorrer tanto em sílaba tônica quanto em sílaba átona. Quanto aos sons vizinhos e quantidade de sílabas da palavra os mesmos não se constituem em fatores relevantes para a ocorrência de tais variantes.

Por fim, esperamos, com esta pesquisa, contribuir com os estudos de Lingüística Descritiva no que concerne ao português falado no município de Abaetetuba-PA. Além de pretender amenizar o preconceito sofrido pelas pessoas que utilizam as formas estigmatizadas /õũ/ e /õ/, uma vez que este trabalho buscou, como objetivo secundário, mostrar os motivos e as origens históricas de tais variantes, características do português não-padrão, as quais espelham a evolução histórica de nossa língua, bem como a diversidade cultural e lingüística de nosso país.

REFERÊNCIAS

Apostila da Escola Raimundo Sarges da Rocha. **Rio Guajará de Beja. "Coletânea de Textos".** Maio de 2002.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolingüística**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Preconceito Lingüístico, o que é como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ABAETETUBA – PA. **A formação econômica do município de Abaetetuba**. Manuscrito. Abaetetuba: s.d.

_____. **A cultura da cana no município de Abaetetuba**. Manuscrito. Abaetetuba: s.d

CALVET, Louis – Jean. **Sociolingüística:** uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática histórica:** para o segundo grau e vestibulares. São Paulo: Ática, 1984.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos da Gramática Histórica.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

ELIA, Silvio. **Sociolingüística** – uma introdução. Rio de Janeiro – Niterói: Padrão, 1987.

ELIA, Silvio. **Preparação à lingüística Romântica**. Lingüística e Filologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico. 1979.

HAUY, Amini Boainain. **História da Língua Portuguesa I** – séculos XII, XIII e XIV. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LAPA, Rodrigues. **Cretomatia arcaica**. 4. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1976.

LOBATO, Maria de Nazaré Carvalho. **Fotolendas**. 2. ed. Abaetetuba, 2002.

_____. **Ecos da Terra**. Abaetetuba: SECULT, 1993.

MACHADO, Jorge Coutinho. **Terras de Abaetetuba.** Belém: 1986.

MARCUSHI, Luis Antonio. **Linguagem e Classes Sociais.** Porto Alegre: Movimento, 1975.

MELO, Gladstone Chaves de. **A Língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

_____. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2001.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística 2:** domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. 9. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1989.

NUNES, José Joaquim. **Cretomatia arcaica**. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.

RAZKY, Abdelhak (org.). **Estudos geo-sociolingüísticos no Estado do Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gráfica, 2003.

Revista Ver-o-Pará, Abaetetuba: **Terra de Homens Valentes**, n.º 23, março/ 2002.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil.** 5. ed. Rio de Janeiro: INL, 1986.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **A carta de Caminha:** testemunho lingüístico de 1500. Salvador. Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996.

_____. **Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: parábola Editorial, 2004.

_____. **O português Arcaico-Fonologia.** São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, Thais Cristófaro. **Fonética e Fonologia do Português**. Roteiro de estudo e guia de exercícios. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sócio-Lingüística**. São Paulo: Ática, 1990.

WILLIAMNS, Edwin Bucher. **Do latim ao Português:** fonologia e morfologia históricas da Língua Portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

Anexos

ANEXO 1: TABELA DE EXTRATIFICAÇÃO SOCIAL DOS INFORMANTES

FAIXA ETÁRIA	SEXO	ESCOLARIDADE
Entre 18 e 45 anos (A)	Masculino (M)	▪ Analfabeto (ANALF) ▪ Semi-analfabeto (S. ANALF) ▪ Ensino Fundamental completo (E.FUND. 1) ▪ Ensino Fundamental completo e médio parcial ou completo (E. FUND. 2)
	Feminino (F)	▪ Analfabeto (ANALF) ▪ Semi-analfabeto (S. ANALF) ▪ Ensino Fundamental completo (E.FUND. 1) ▪ Ensino Fundamental completo e médio parcial ou completo (E. FUND. 2)
Acima de 45 anos (B)	Masculino (M)	▪ Analfabeto (ANALF) ▪ Semi-analfabeto (S. ANALF) ▪ Ensino Fundamental completo (E.FUND. 1) ▪ Ensino Fundamental completo e médio parcial ou completo (E. FUND. 2)
	Feminino (F)	▪ Analfabeto (ANALF) ▪ Semi-analfabeto (S. ANALF) ▪ Ensino Fundamental completo (E.FUND. 1) ▪ Ensino Fundamental completo e médio parcial ou completo (E. FUND. 2)

ANEXO 2: SINAIS GRÁFICOS USADOS NA TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA DE 01 (UMA) NARRATIVA NA ÍNTEGRA E DE TRECHOS DOS DISCURSOS DO INFORMANTES

…	pausa
(…)	interrupção do contexto
(( ))	comentário do transcritor
:	alongamento pequeno de vogal
::	alongamento médio de vogal
:::	alongamento grande de vogal
/	truncamento de palavras ou desvio sintático
?	interrogação
MAIÚSCULA	ênfase
–	silabação
[ ]	trancrição fonética dos dados (variantes nasais analisadas)

ANEXO 3: TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA DE UMA NARRATIVA NA ÍNTEGRA TRANSCRIÇÕES DE TRECHOS DAS NARRATIVAS DOS INFORMANTES

Informante 1: M.F.- 69 anos – analfabeto

i [ẽ.’tãũ] eles … tinha lavura faziu farinha vindiu … vindiu em abaeté eu: viajava cum eles eu cunheci u abete cum quatru cumérciu que tinha quatru casa na beira num tinha mais du que issu [nô] era u guarubardi velhu i: u: aquele luci piraiba pai du luci piraiba e u:: u coisu u:… licidiu paz é um por nomi di egorgi qui era u [pa!trõũ] du meu avu ( ) ai lhi: neguciava cum esses cumérciu que tinha em abaeté ( ) pa traz era so matagá a cidade era piquinina a igreja da senhora da [kũ.sei.sõũ] tinha um igarapé qui ia lá na frenti da igreha e nos ia deixar mandioca farinha bejú: lá pru mas velha que muravu lá uns velhu nu ladu da igreja… até arraiar era piquininu sim num era grandi e huji im dia é uma cidade… i: u igarapé disapareceu viru tudu cidade né? … ali u: a serraria era aí na beira onde mora u sardinha cunhece o sardinha? qui tem uma farmácia na bera?… na / na fera da farinha? [nõũ] … é: lá era uma serraria de lá pra baxú num tinha casa ninhuma só tinha até lá qui tinha a serraria de lá fui qui imendu casa pra baxu fui só… de lá dessa parti de lá (…) agora as comunidadi piquena huji… us proprietários dessas cuminidade aqui nu guajará num tinha cuminidade sis tempu eles aqueli que tinha u santu rezava pu santu mandava resar [nõ] … depuis fazia uma festa u dono dissu ali na buca du riu era u secundinu xavier e a velha ália e huji im dia é agora … da turma que ficarum furu se criandu sei que formarum a cuminidade mas num tinha cuminidade nem aqui e nem no [ma.ra.’ŋõũ] …[[ẽ.’tõũ] lá nu [ma.ra.’ŋõũ] era u velhu zifiriru tumaa conta ê que agora já tem a cuminidade du [ma.ra.’ŋõũ] mas num era pur conta deli [nõ] … já depus deli qui fizerum … ê u guajará aqui num tinha assim muitas casas era pucu a [po.pu.la’sõ] era pequena huji um dia num te mais aonde fazer casa [nõ]… tem muita genti i:: acunteci que ôus antigu qui muram aqui já [nõ] êzérti mais nem um tu eu da turma ai …tu eu já só … aqui num cunheçu mais ninguém tem ali u seu angilinu mais u seu angilinu conta u detalhi lá das cabecera du guajará por conta quandu eli veiu pra cá eli é / fui nacidu lá ê veiu pra cá mura [nõ] … quandu eli veiu mura pra i fui ãtravés du: limpetitu velhu limpetitu u pororoca qui chamavu … ai vieru formaru uma olaria ai purisu qui elis [iŝ’tõũ] ai cumpraru dum sinhô qui era donu dissu ai… i: ondi era u adabertu qui era donu dessi lugar lá i u/u lúciu era us duis velhu adabertu e lúciu que era donu dissu ai… ai elis cumpraru essi lugar lá… eu cinheçu tudinho isso ai:: se eu fui nascidu e criadu aqui nu guajará ((o senhor trabalhou em que?)) lavura … eu viajei mas: pucu primeiru quandu era souteru trabalhava empregadu depuis de

um certu tempu eu cumecei na minha lavura num quis mais trabalhar de impradadu … eu fazia roça [kah'võũ] preparava essas coisas assim [nõ] … i:: u meu avú também era só / era lavrador … um detalhu qui eu possu te dá [sõũ] essis qui eu aqui sou antigu nu lugar êstu aqui a quase quarenta anu aqui murandu nesse lugar mas u meu terrenu lá pru furu ai pra cima … num é aqui [nõ] murava na terra firme eu fui nacidu na vargi u premeru terrenu du meu avu era vargi de lá eu cumprei uma terra firmi fiz a minha lavura lá onzi hectari de terra acabei tudinho vim cumprei essi aqui pa beira du riu… e aqui tu quase quarenta anu ((o senhor tem muitos filhos?)) tenhu sei [sõũ] sei filhu três filhu / três filha e quatru filhu aqui mora u raimundu a duminga um mora im beja ôtru mora im abaeté ôtra mora im barcarena é assim ôtra mora lá nu [ma.ra.'ŋõũ] … é issu (…) chô vê u angilinu eli é: mais velho du qui eu três anu mas ali é cunhecedir du centru das cabeçera du guajará agora daqui [nô] eli num é cunhecedor purque eli veiu muitu purltilmu eli nasceu pra lá … ai dessa turma tá um bucadu difíciu … nem u [fey.'zõ] ali … aqui tinha um sinhô mas já murreu agora a pucu a mulher deli também num podi dá essi detalhu é u constançu u finadu constançu era bom também pra indicar sas coisa [nõ] … tirandu dissu daqui difisu mas assim uma de sigunda cumu diz u humi cê devi i ali cum (…) era u: prefeitu daqui de abaeté essi rama fui eu qui fui pidi pri eli fazê / manda fazê ai eli dissi eu mandu fazê u rama cê mandi prepará u caminhu tudu pra mêtê u tratu qui é pra nos prepará … ai eli dissi fali cum donu lá da berada prenti decê lá cum rama na bera cumu istá decidu agora [nõ] … aqui nesse detalhu dessi rama eu vim falei cum mane baia qui era proprietáriu dai du luga ali garantiu cinqüenta votu já pu rona si u rona fizessi decê u rama na bera du riu i dava u lugá ai só puque u: candidatu du dutu rona já era u peráçu qui era pra fica im luga deli já que dizê qui essis votu vinha servi pro peráço [nõ] …ai fizemu u acordu essi rama ai nos continuemu pepará abrimu u caminhu e tal u tratu veiu quandu chegu nas cabiçera de um igarapé qui tem ai lá atrás por nomi patauá a dila cum a irmã … era a dila … ela tinha outra irmã que murava em abaeté que murreu elis foru lá aonde estavu trabalhandu na bera do igarapé chegaru lá e disseru essi ramá cês [võũ] terminá quem vai terminá essi ramá aqui [nõ] é rona é u liesu mas ela dubru u candidatu pru liesu nos vamu dá cinqüenta votu pru liesu ai elis pararu era quatru hora da tardi e vortaru furu imbora chegaru lá contaru pru duto rona ai u ramá paru duto rona disse [pa'trõũ] si nos ganha u peráciu ganhá u ramá deci na beira i si [nõ] tá paradu … fui verdadi uqui as mulhé [dži.sɛ.'rõ] fui mermu fui eu num tava sabendu de nada paru u ramá … eli dissi olhi é aqueli que tira uma cruz qui tem lá faz acabar u ramá si nos perde i si [nõũ] u ramá vai decê na beira si nos ganha tá… purissu ficu uns quantus anus paradu … ai apareceu a ana cunha di barcarena se cumprumetei prepará

u ramá im trucu duns votu fui issu qui acunteceu purissu qui u ramá desceu na beira du riu fui verdadi issu SI ELA NUM VEM num tinha ramá de jeitu nenhum … aí ela peparu: u ramá é dela agora ((risos)) … (…) num sei cumu é qui nós vamu fazê istu purquê ninguém que ajudá u outru [nõ] … só que qui o camarada ajudi prontu cabu essi é qui é problema mas ajudá hum tá difíciu … tá é só inveja [ẽ.bi'sõũ] uma coisa tudu erradu [nõ] … revorta essas cuisa pirigusu … ai nu [ma.ra.'ŋõũ] furaru três ( ) pá belém num sabi si vevi ou morri pra ti vê cumu é qui está u negócio olha aui nu guajará de primeru [nõ] ixistia isso [nõ] ninguém brigava era difiçu brigari a [po.pu.la'sõũ] era puçá [nõ] num era tantu mas mesmu quandu aumentu num tinha essa [he.beh.dži.'sõũ] que tá tendu agora tá orrívi … e eu vu lhi dizê u certu us velhu / us / us mais maduru: num fazi quem faz sas mulecazi zinha … é issu qui tá iscangalhandu purquê elis sabi qui num [võũ] presu num tem idade fazi u qui queri esta lei tá erradu eu achu pur mim qui têgi / têgi erradu … é ( ) purquê a pessua bebi perdu u juizu … ai faz tudo qui num presta deli fazê bem [bõũ] eli faz má purquê: eli vai prucura uma [mah.ka'sõũ] eli vai percurá aqueli riva quandu eli si ispanta tá murrendu purquê eli arrumu aquela [mah.ka'sõũ] u cara fica marcadu ele mata … issu é problema issu vêm da bibida num é ultra cuisa [nõ] … dizi que a cêvêja ela num é arcu ela é ela tem um arcu a bibida qui num tém arcu é só u guaranã eli tem ultra [kũ.pu.zi'sõ] u guaraná … pra rese/reseva eli pra num / num chucá … eli tendu também muito tempu eli num preta mas … agora a cêvêja tudu é cum arcu u vinhu é cum arcu a cêvêja é cum arcu tudu contu é bibida é cum arcu si num tiver u arcu pá cunserva num cunserva …eu fui passei uma viagi lenha pá uma fabrica im belém ai eu fui lá istavu peparandu uma fabrica de vinhu tava cunversandu cum donu lá fui até pra elis a lenha … elis tavu me cuntandu qui tudu que bibida leva u arcu leva … cêvêka leva nu vinhu leva eu digu é leva muitu nu vinhu? dissi [nãũ] num pêcisa leva muitu mas leva purquê si num levá u arcu cum pucus dias eli tá ( ) num presta portantu isso é uma cuisa qui: … tem qui tê agora u vinhu pu: u vinho quei num ixesti u arcu é u vinhu di jesus cristu qui li deu pra bêber … issu sim mas essi da terra eli leva u arcu ((rindo)) é cuncerteza que é já du pai velhu ((rindo)) (…) mas é de genti aqui num tem uma indústria num tem impregu num tem nada… tirandu essis pescadu qui [võũ] busca esis pêxi dinheru qui vendi u pêxi i trás u dinheru e us qui passu tijulu num se vê dinheru aqui num tem impregu num tem ondi ganha nada só u qui (…) essi culégiuzinhu mas issu num é pá impregu é pá estudu … e ultras cuisa num tem nada ai é issu qui atrapalha aqui u guajará e a [po.pu.la'sõ] é grandi muita genti disimpregado entra prefeitu … entra presidenti sai é as cuisa u mesmu qui fica nos votu / eu agora já num votu mais já num é precisu num é obrigatóriu a mulhe também [nõ] mas quandu eu votava eu

votava … pur causa di alimpa atitulu da genti né? … mas [nãũ] qui uma cuisa di verdadi aqui eu vui lhi dizê nu tempu du meu avú… qui nu guajará i indudu qui era lugar era tudu cum respeitu nu tempu du: / du magalhães barata issi eu num cheguei a cunhecê u major barata mas meu avú cunheceu eli … era só eli qui mandava num tinha ninguém mais era deus nu céu e eli na terra guvernava u brasil intirinhu num tinha [e.1ey.'sõũ] num tinha nada num existia olha … eu já tava hõmi condu sorgiu êssi negó di [e.1ey'sõũ] num tinha [nõ] quem mandava era só aqueli guvernadu tumava conta dum passava pru ultru… morria aqueli um ficava ultru pá truca era muitu difíciu era só quandu murria arrumava ultru pra dêxa im lugá ( ) mas tudu era respeitadu era eu fui: eu vú cuntá êssi detalhu / eu fui viajá num barcu du meu padrinhu um dia intrei nu canapijó subindu [ẽ.'tõ] ali nu canapijó ondi tem uma santa pur nossa senhora du tempu … ela andava dendu cascu i eu vi um vilinha dendum cascu andaru pelejandu cum ela pra … levá pra igreja num amanhecia fizerum uma capela lá em terra ela num amanhicia na capela fizerum um negócio lá uma capilinha na bera educaru ela i logu adiante era ua: u [a.sa.'põũ] era ondi prindia ous qui fazia u mar … us assassinu us qui rubaru arguma cuisa qui matavu as pessua iu presu pra lá num vortavi mais lá era um [a.sa.'põũ] era du majó barata num: tempo deli ai depus deli qui eli murreu fui qui fizeru pra belém num tinha im belém papai cuntava ai fui qui ficu um [ka.za.'rõũ] grandi só dim ladu tinha duzi janela du outru ladu tinha outras duzi era vinte i quatru janela [ba.ha.'kõũ] grandi... si eu cunta essi detalhu ai nos fumu lá de tardi deu uns ven/ uma chuva assim pau ventu acabu u ventu nos fumu de bubulha incustemu na berada só qui mulhu u fósfi nossu vamu incustá aqui nessa casa... era uma cazinha lá pessi essa casa da duminga ai... fui incuntandu piquena quandu eu vi assim ulhei pá terra vinha um sinhô cum rifi na [mõũ] e um tersadu du ladu direito in nos... saiu da casa dele [nõ] eu vi dissi olhi aqui é poribidu incustá... disse olhi eu até qui vu incustá purquê pecisu de uma caxa de palitu tem cumérciu aqui? diz eli num tem aqui num tem cumérciu istu aqui é du tempu du barata issu aqui era u: prisídiu eu su vigia daqui... é: su / su vigia... ianti di mim já tevi utrô... êssi um já murreu agora estu eu tumandu conta aqui eu qui mandu i dismandu aqui... ta bom ai a mulhé deli veiu atrás dissi assim homi é naveganti rapaz... eli que fochu li dissi va buscar uma caxa pra eli amarri incosti incustei lá ( ) puxei dinheiro pá pagá ai mandei fazê um café fiz u café dissi vumbora turmá um café umbora i ai eli si acamaradu mais eli veiu de lá muitu brabu... é: vigia num i ai saiu u café nos tumamu ela a filha um mininuzinhu assim tamanhu dessi tumaru café tudu por lá ai eli agaru cuntu u fatu pra mim issi [ba.ha.'kõũ] ai essi ai aqui era u prisidiu nu tempu du barata... eu digu ainda [nõũ] caiu purquê é bem de ferru eli dissi [nõũ] madera mas é tudu acapu e sapucaia que dá uma ispiada

lá vumbora ce num vai arcança pra dubra lá a ponta ce tem qui vara a mucura a água ta quase vasandu... digu é ( ) [ĩ!tõũ] umbora lá mandu busca um maçu de chavi ela trusi... fui já eu a mulhé deli a filha e ultru pirralinhu... ai u rifi eli deichu ainda lá na ribancera mermu tersadu tudinhu era pirigusu lá u negóciu rumbora cheguemu lá eli meteu a chavi na porta abriu intrô assim ficu ai e abriu uma janela pa clariá bem ( ) nu meiu tinha um / um quadru assim ( ) fiquei ulhandu mas aquilu muitu bem fininhu certu qui num parecia trinca ninhuma eli dissi olhi aqui é u [a.sa.'põũ] sinhô vai vê ta pegu uma chavi meteu num buraquinhu lá na frenti lá nutru cantu lá nutro cantu i vem pá per de nos num pisu pra ai... ( ) u qui vinha aqui daqui eli num vostava mais [nõ] falu issu pra mim... tornu amassa merma cuisa mar meu deus vi aquelu escuru pra li... caia ai num vortava mais? [nõũ]... num uvia gritu? [nõũ] grita nada ( ) feitu issu uma grandi chapa de ferru iscapuliu pra i num grita num si grita num: num vê nada num uvê pra cá [nõ] tudu vedadu tudu preparadu faru pra i acabu eli dissi prindia lá fora idali:: u: a pulicia sortava u sordadu sortava pá pasia de seis a seis vinha pra i... i quandu num tinha seis um qui tivessi vinha pra i sai vai passia elis dizia assim me cuntandu vai passiá ali pegar um ar... tirava de lá mandava vim na frenti satisfeitu [nõ] já tava tudu prontu chegava lá elis iu a pulícia amassava só viu:: num pegava in ninguém pá jugá lá a pessua dicia pureli mesmu de lá num vortava mais.

Informante 2 – C.O.B – 47 anos – Ensino fundamental completo

{[ĩ.'tãũ] eu su maradô aqui du riu guajará de beja foi nascidu e criadu aqui nessa localidade i: meus pais [sãũ] pioneirus qui nessi lugar i: moramus aqui / moru aqui dêsdi minha infância... nu cumeçu o riu [nãũ] tinha muita atividade num tinha iscola mas u: tempu fui passandu i: as cuisas foram si disinvolvendu […] lá no final do riu ainda tem mais uma iscola [ĩ.'tãũ] quatru iscolas i: ... as pessoas [tãũ] sendu é / é alfabetizada i graça a deus tudu tem mudadu melhoria tem sidu boa aqui pru nossu riu [ĩ.'tãũ] a genti... du tempu qui eu via essas coisa pra agora houvi uma grandi mudança (…) assim si [žũ.'tãũ] in grupu fazem suas casa i: tudu pertu du outru [vãũ] formandu aqueli vilareju [ĩ.'tãũ] si a genti for vê o riu guajará di beja ista transformadu in:: bem dizer cumu uma cidadi […] a melhoria qui veiu é: beneficia tudos nós [ẽ.'tãũ] eu achu qui essas [sãũ] minhas palavras (...) a eu trabalhei fazendu [kah'vãũ] fazendu roça inda faço roça i: agora atualmenti trabalhu comu vigilanti (…) já [nãũ] trabalhu nessa ária da pescaria mas foi um dus cumeçu fazendo [kah.'vãũ] i pescandu essas fui uma das fasi

qui eu já passei... meu pai também fazendu [kah.’vãũ] fazendu lavura pescandu também [fo,’rãũ] [pro.fi.’sãũ] dos meus pais... elis moru aqui desdi sua infância.

Informante 3. M.M.B.B – 50 anos – Ensino Fundamental Completo

ta im [he.la.’sãũ] a comunidadi né?… é: é: nu momentu eu possu dizer assim qui eu estudei né? (…) naquela épuca qui… as pessoas sabiu lê ai já [‘ɛ.rãũ] professoris (…) por pulíticus ai vim a mi torná professora também já / também ainda [nãũ] formada em magistériu mas… faltandu apenas um anu pra issu i graças a deus consegui insiná as criança tem muitus qui já / já [eŝ.’tãũ] formadu muitus comu você né? também já si formo i já [pa.’sa.rãũ] pela genti sendu professora di muitus outrus qui já [iŝ.’tãũ] na universidadi hoji í houvi um grandi avançu né? purquê comu eu dissi [nãũ] tinha antigamente comu is: é a genti chega a uma [foh.ma.’sãũ] (…) [ẽ.’tãũ] a [e.vo.lu.’sãũ] já fpo be, grandi né?… a partir dessa data pra até / até hoji (…) a [keŝ.’tãũ] da [he.li.ži.’ãũ] na nona localidadi também a genti / eu era fazia parti da igreja católica dissolvi uma boa parti na igreja católica e depois depois já [‘fo.rãũ] algum tempu eu/eu cumpriendi qui deveria havê uma mudança né? (…) até u terceru anu é / já / já tem essa [foh.ma.’sãũ] pelu geêm si forma até o terceru ai já vai um busca qui aqui [nãũ] tem pra universidadi né? a genti já tem qui saí [ĩ.’tõũ] u qui eu tenhu a dizer sobri a minha comunidadi é issu né?… essa [e.vo.lu.’sãũ] qui nos tivemus (…) tem a [keŝ.’tãũ] da energia também né? (…) eu fui istrai um denti né?… tivi a: remu remandu us meus pais mi [lɛ.’va.rãũ] i eu lembru muitu dissu ai ficu pensandu né? (…)

Informante 4: T.L.B. – 25 anos – ensino fundamental completo

Meu nomi é tenhu tenhu 24 anus naci na localidadi riu guajará de beja i: meus pais [na.’se.rãũ] também nessa localidadi (...) [ẽ.’tãũ] elis [‘ɛ.rãũ] pessoas que sobreviviu do cultivu na épuca né?… faziu [plã.ta.’sãũ] di/di mandioca [fa.’zi.ãũ] é: [fa.’zi.ãũ] [kah.’vãũ] i era / era a sobrevivência delis na épuca era issu é: plantiu di mandioca milhu i:: fazê [kah.’vãũ]… [ĩ.’tãũ] quandu meu pai começu crescê eli creceu nessa convivência dessi trabalhu né?… i: nu decorrer du tempu… na épuca era/era eli mas dois [ih.’mãũŝ] qui [tra.ba.’λa.vãũ] nessi / nessi ramu né? mas era um ramu qui: dava pôca renda [ĩ.’tãũ] elis

continuavu uma família qui tinha uma [kõ.dži.'sãũ]… precária i: com o decorrer du tempu elis… um tiu delius deu um conselhu pra elis / pra elis pararem di fazê [kah'vãũ] i comprarem uma [ĩ.bah.ka.'sãũ] dari u jeitu di compra uma [ĩ.bah.ka.'sãũ] pra elis trabalharem na épuca na localidadi tinha pôca [ĩ.bah.ka.'sãũ]… i elis ficaru cum essi pensamentu né?… ['fo.rãũ] si passandu u tempu… elis três [ih.'mãũŝ] si jun / si uniru meu pai mais dois se uniru e fizeru uma sociedadi cumpraru uma [ĩ.bah.ka.'sãũ] velha … i [tro.'sɛ.rãũ] (…)i: tivi a [e.du.ka.'sãũ] assim… pôcu atrasada por volta dos quatozi anos eu tava aí na/na tecêra séri… né? (…) nessa épuca [nãũ] tinha além da quarta seri aqui na localidadi né? [ẽ.'tãũ] houvi uma necessidadi da genti si locomove pra Abaetetuba mas eu já tinha trêz [ih.'mãũŝ] qui já [a.'vi.ãũ] istadadu até a quarta seri (...) i nossus [ih.'mãũŝ] [kõ.tŝi.nu.'a.rãũ] trabalhandu i trabalhu até hoji im [ĩ.bah.ka.'sãũ] (...) i num é uma boa [o.pi.'sãũ] na atualidadi aquém deseja consigui alguma coisa né?… [ĩ.'tãũ] hoji na nossa localidadi nos temus u gem qui chegô a pôcu tempu (...) [ĩ.'tãũ] já foi feitu [hew.ni.'ãũ] aqui. é/a acerca du gem… i pensandu im pidir ônibus iscolar pra vim busca os alunus aqui na localidadi mas pô ôtru ladu nos pensamus qui tem famílias aqui quí [nãũ] têm as [kõ.di.'sãũ] (...) nós temus a raimundu sargis da rocha, nós temus a sagradu [ko.ra.'sãũ] di jesus temus sagrada família tem [sãũ] fanciscu xavié é tem ôtra iscola qui foi construída agora pôcu tempu na boca du riu tauerá [ĩ.'tãũ] [sãũ] iscola qui ['fi.kãũ] todas próxima uma da ôtra i si acuntecê (…) quí vai facilita cuncerteza a [e.du.ka'sãũ] na [he.ži.'ãũ].

Informante 5 M.B.B – 37 anos – semi-analfabeta

á eu sei/eu sei da colônia pagu caça i pesca eu pescu [ka.ma.'rãũ] eu vu pá baia pescu: cum redi né? (…) meus filhu da [nõ] pagu nada inda u mas velhu da [nõ] paga (…) eu vu pega u matapi né? us [ka.ma.'rõ] discascá us [ka.ma.'rõ] u matapi lá na praia aí eu venhu di lá (…) eli faz [kaw.'võ] meu pai ali trabalha na roça eli pesca também a minha mãe também na roça meus [zih.'mãũ] também nos somu… nos somu oitu [ih.'mõũ] (…) u pai deli também num tinha as [kõ.dži.'sõ] de as [kõ.dži.'sõ] di da pra eli qui agora eli já ta jovem (…) o os cultu é dia de quarta-fêra das seti horas da noite até as novi i sexta-fêra também é u insinu das seti às novi sábadu tem o cultu geral memu dumingu di manhã é a iscola dominical cumeça das oitu hora da manhã até as dez i a noite é u cultu públicu… é boa a [he.li.ži.'õũ] (…) a fontí pá inche u [tã.bu.'rõ] (…) nos trás por terra nu carru / carru de [mô]…(...) eli viaja cum caroca… madêra é/é lagi: …lá nu timbui pra banda di igarapé miri agora já [tõ] quase lá chapandu (...)

ai us pirata chegaru nu barcu du [žu.’õ] batista… só qui nu barcu du [žu.’õ] latis ta elis pensaru qui vinhu vê algum ólio (…) elis pegaru eli nu braçu levaru lá pru tucu du matu lelé dissi meu deus será qui elis [võ] me leva né? ai u utru dissi … u jêsu dissi [nõ] num levu eli.

Informante 6. T.C.P. – 57 anos, semi-analfabeta

(…) essi guajará num tinha essa [po.pu.la.’sõ] grandi di genti cumu tem [nõũ] era muito difícu (…) qui na berada a genti num inchergara uma viva arma nem casa nada era uma [iŝ.ku.ri.’dõ] uma [iŝ.ku.ri.’dõ] orrivi muitu feia ia pra huje já temus a luz né? já ta uma claridadi com uma [po.pu.la.’sõ] muitu grandi [ĩ.’tõ] huji graças a deus já ta muitu melhoradu a [si.tu.a.’sõ] nos trabalhava cum [eh.’mõũ] miguel du acilinu cá mamãi nos ia pra lá i nessi tempu eli dara atrasadu nera um i cinquenta por dia pra mim cá mamãi [ĩ.’tãũ] pra mim cum a preta nos ia daí sigunda-fêra (…) pra nos arruma dinhêru pra fazê essa casa lutandu pra cria essis nosso filhu eli serrava madêra cum [se.hu.’tõ] quandu eli chegara cansadu (…) eu ia capiná cum ela até onzi hora vinha … i cumia uma bucada nem vinha aqui di lá já ia pru garapé gapuiá quandu chegava era cincu seis hora da tardi já cum [ka.ma.’rõ] pus meus filhus... pá cria meus filhu já passei muita dificuldadi pá cria meus filhu mas muitu… mas deus é [tõ] bom (...) [pro.fi.’sãũ] si de certu eu façu eu num façu agora porquê a minha filha tá cum a perna quebrada né? (...) agora [nõ] agora u tempu tá bom / tá bom já temu luz né? u ramal a hora que a pessua quizé é só liga vêm uma moto … a [ko.mu.ni.ka.’sõ] cum as pessua (…) o agora essa mucidadi de huji é só pavulagi elis num queri sabe de: capina terreru nem trabalha im roça nem apanhá açaí nem amaçar açaí na [mõ] TUDU ISSU eu já fiz i façu / i façu nunca tive pavulagi (…) qui era fartu pra pega u peixi era fartu pra pega subre a cumida pegava bem [ka.ma.’rõũ] pegara bem pexi mas já era difiçu as cusas pra genti arruma um [tuŝ.’tõ] pá cumpra um panu uma sandalha né?… huji im dia já tá fáciu pá cumpra as cuisa mas já se torna difíciu lá fora né? pra pega um [ka.ma.’rõũ] pega um peixe já tá difíciu… olha quandu u raimundinhu começu a pesca eli pescava aqui nu arrazá agora elimanda essi larcu deli pu pacova ai pu [kɛ.bra.’dõ] cada vez mais longi pu canal uma viagi dessas elis furu lá pu canal longi qui só.

Informante 7. CFB: 37 anos – semi-analfabeta

Dez anu é: dez anu serviçu lavura na roça façu [kaw.'vô] roça plantu açaí as pronta né? cupuaçu banana (…) a agora tá bom mas antis era muitu ruin agora tá bom né? … purquê agora: milhoru mas porquê tá / pega [ka.ma.'rõũ] né? faz u [kah.'võ] chegu u [ve'.rõũ] tem açaí… faz um [kah.'võũ] mas in anti u invernu é ruim muita chuva né? agora [nõũ] milhoru / milhoru muitu agora muitu serviçu cum pessual ai… milhoru pur qual da energia tamém né? (…) eu pescu aqui pra essa baía pescu de redi matapi linha de [mõũ] di vez inquandu eu vu pescu pescada mandii ai pra baxo é pêxi de qualidadi pêxi graudu… só co num fui mais pescu aqui na bêra da praia pegu muitu [ka.ma.'rõũ] a maré tá bua quandu a maré lançassim qui dá u [ka.ma.'rõũ] na praia... (…) eu tenhu uma roça já qui eu rucei aí eu vu mete fugu pranta fazê a farinha vendê né? vendê cume … [võũ] levandu a vida assim né? (…) eu acho qui eu pesquei cum eli uns novi anu eu achu qui fui até si acaba a [ĩ.bah.ka'sõ] qui eli tinha né? agora eli tem ôtru… pesquei um bucadu de tempu cum eli… agora nu [ve.rõ] da muitu peixi aqui defronti quem tem redi puxa pega muitu pexi de redi… de linha também puxa muita pescada.

Informante 8 T.C.P. – 30 anos – Ensino Fundamental Completo

ultimamente né? eu trabalhara aqui im casa mesmu lavandu ropa pra ôtras pessoas assim que [pre.si.'za.vãũ] i batia açaí na épuca do açaí… ai que eu tinha feitu o concurso públicu né? só que eu tava aguardandu esperandu me chamari agora houvi a chamada que baixo essi edital ai / ai que me [ŝa.'ma.rãũ] que agora eu tou trabalhandu como servente na iscola raimundu sarges da rocha né? elis me [e.fe.tŝi.'va.rãũ] (...) tenhu qui sabê dividi pá dar pá minina qui vem mi ajudar a cuidar das minina qui elas num podi ficar só que elas [sãũ] todas di menoris né?… [ĩ.'tãũ] u meu serviçu é essi né? (…) porque meu pai… tinha tava cuma infermidade né? eli tinha sidu operadu i enti passara por uma [si.tu.a.'sãũ] muitu difícil financeramente né? a minha mãe meus [ih.'mãũs] todus pequenu (…) hoji im dias trabalhandu graças a deus ai eu ajudava meus pais porque a [si.tu.a.'sãũ] era muitu difícil na época muitu difíciu mesmu… mas só qui agora graças a deus já melhoru que existiu as melhoras muitu grandis aqui na nossa localidadi chegô a luz na genti né? ai: [ko.lo.'ka.rãũ] também né? que dize [ko.me.'sa.rãũ] fazê né? barcu di pesca ai meus [ih.'mãũ] fazê né? larcu di pesca ai meus [ih'mãũ] ['fo.rãũ] crescendu ai o ganhu já foi dandu melhor né? … elis já ['fo.rãũ] ajudandu já meus pais i hoji im dias já [iŝ.'tãũ] todus criadu é a a [si.tu.a.'sãũ] financera du meu pai num é: muitu grandi mas também é istavi dá pá eli ir passandu sabe… bem com a família deli já [tãũ] tudu criadu mesu [ih.'mãũ] também i graças a deus a genti… vai levandu até ondi

deus quizer... (…) a minha mãe é lavradora o meu pai eli recebi benefíciu… de apusentaduria i… a minha mãe é lavradora né?

ANEXO 4: *CORPUS* DA PESQUISA

1. carvão / kah.’ vãũ/ ~ / kah.’võũ/ ~/ kaw.’võ/
2. então / ẽ.’ tãũ / ~ / ĩ.tãũ / ~ / ẽ.’tõũ / ~ / ẽ.’tõũ / ~ / ẽ.’tõ /
3. irmão / ih.’mãũ / ~ / ih.’mõũ / ~ / eh.’mõũ /
4. tão (estão) / eŝ.’tãũ / ~ / iŝ.’tãũ / ~ / iŝ.’tãũ / ~ /iŝ.’tõũ / ~ / tõ /
5. não / nãũ / ~ / nõũ / ~ / nõ /
6. vão / vãũ / ~ / võũ / ~ / võ /
7. camarão / ka.ma.’rãũ / ~ / ka.ma.’rõũ / ~ / ka.ma.’rõ /
8. condição / kõ.dži.’sãũ / ~ / kõ.dži.’sõ/
9. embarcação / ĩ.bah.ka.’sãũ / ~ / ĩ.bah.ka.’sõ/
10. são / sãũ / ~ / sõũ /
11. relação / he.la.’sãũ /
12. religião / he.li.ži.’ãũ / ~ /he.li.ži.’õũ /
13. evolução / e.vo.lu.’sãũ /
14. formação / foh.ma.’sãũ /
15. região / he. ži.’ãũ /
16. profissão / pro.fi.’sãũ /
17. questão / keŝ.tãũ /
18. plantação / plã.tã.’sãũ /
19. coração / ko.ra.’sãũ /
20. reunião / hew.ni.ãũ /
21. opção / o.pi.s’ãũ /
22. situação / si.twa.’sãũ / ~ / si.twa.’sõ /
23. educação / e.du.ka.’sãũ /
24. pão / pãũ /
25. mão / mõũ / ~ / mõ /
26. eram / ‘ɛ.rãũ /
27. foram / ‘fo.rãũ /
28. levaram /lê.’va.rãũ /
29. juntam / ‘žũ.tãũ /
30. passaram / pa.’sa.rãũ /
31. haviam / a.’vi.ãũ /

32. faziam / fa.’ziãũ /
33. ficam / ‘fi.kãũ /
34. nasceram / na.’se.rãũ /
35. colocaram / ko.lo.’ka.rãũ /
36. começaram / ko.me.’sa.rãũ /
37. trabalhavam / tra.ba.’λa.vãũ /
38. continuaram / kõ.tŝi.nu.’a.rãũ /
39. precisavam / pré.si.’za.vãũ /
40. chamaram / ŝa.’ma.rãũ /
41. efetivaram / e.fe.tŝi.’va.rãũ /
42. trosseram / tro.’sɛ.rãũ /
43. patrão / pa.’trõũ /
44. conceição / kũ.sey.’sõũ /
45. maranhão / ma.ra.’ɳõũ / ~ / ma.ra.’ɳõ /
46. ambição / ẽ.bi.’sãũ /
47. população / po.pu.la.’sõũ / ~ / po.pu.la.’sõ /
48. rebeldição / he.beh.dži.sõũ /
49. casarão / ka.za.’rõũ /
50. barracão / ba.ha.’kõũ /
51. eleição / e.ley.’sõũ /
52. alçapão / a.sa.’põũ /
53. marcação / mah.ka.’sõũ /
54. feijão / fey.’žõ /
55. tamburão / ta.bu.’rõ /
56. composição / kũ.pu.zi.’sõ /
57. tustão / tuŝ.’tõ /
58. joão / žu.’õ /
59. escuridão / iŝ.ku.ri.’dõ /
60. serrotão / sɛ.hu.’tõ /
61. comunicação / ko.mu.ni.ka.’sõ /
62. quebradão / kɛ.bra.’dõ /
63. verão / vê.’rõũ / ~ / vê.’rõ /
64. fugão / fu.’gãũ / ~ / fu.’gõ /

65. pirão / pi.’rõ /
66. enjeção / ĩ.že.’sõ /
67. brancão / brã.’kãũ / ~ / brã.’kõ /
68. ladrão / la.’drõ /
69. reação / he.a.’sõ /

Obs: Os exemplos 24, 64, 65, 66, 67, 68 e 69, foram registrados, apenas, em caderno de campo, mas não estão registrados nas gravações em fita cassete.

ANEXO 5: RECEITAS DE REMÉDIOS CASEIROS

Dor no Fígado:
Boldo (folhas).
Ferver o chá e tomar diariamente.

Resfriado:
5 folhas de limoeiro
1 aspirina
Ferver o chá e tomar com a pílula.

Diarréia e vômito:
3 galhos de hortelã
2 grelos de goiabeira (árvore)
2 galhos de amor-crescido
1 colher (sopa) de açúcar
Uma pitada de sal
Modo de fazer:
Juntar tudo e colocar para ferver, depois se toma o chá de 4 em 4 horas.

Para anemia:
Beterraba
Mel de abelha
1 prego
Modo de fazer:
Afincar o prego na beterraba, deixá-lo lá de um dia para o outro, no dia seguinte fatiar a beterraba e colocar o mel sobre ela, depois é só tomar uma colher (sopa) de 8 em 8 horas.

Anemia:
Pariri (folhas)

Beterraba
Abacateiro (folhas)
Modo de fazer:
Ferver as folhas do Pariri com as do Abacateiro, depois colocar fatias de beterraba no chá e tomar uma colher (sopa) uma vez por dia durante um mês. (não pode ser o mesmo chá para o mês todo).

Picada de cobra:
Folhas de Japana Branca
Modo de fazer:
Socar as folhas para tirar o sumo, e depois dar um pouco para pessoa que foi picada beber, logo depois dar um pouco de água morna para provocar o vomito e assim a pessoa vomitar o veneno.

Golpe (terçado, machado, etc...:
Leite de Bananeira
Modo de fazer:
Tirar o leite da Bananeira e colocar em cima do golpe para estancar o sangramento.

Albumina / Gastrite / Anemia:
Laranja da terra: chupar a laranja da terra todos os dias.

Pedra no Rim ou Vesícula Biliar:
5 folhas de cana-fixa
5 folhas de pirarucu
5 galinhos de Amor-crescido
1 xícara de lágrima de Santa Luzia
½ xícara de açúcar
Modo de fazer:
Ferver os ingredientes separadamente, depois juntar o chá de todos, colocar o açúcar e ferver novamente. Tomar diariamente.

Para Hepatite:

Casca de Ouriço da Castanha-do-Pará
Raiz do Camapú
Folha de Pariri
Cilidone (folhas)
Vinho
Açúcar
Modo de fazer:
Ferver tudo, depois adicionar ½ kg de açúcar para cada ½ litro de chá, e meio copo de vinho tinto para cada meio litro de chá, tomar diariamente.

Dor de Urina:
Cana-fixa
Modo de fazer:
Fazer o chá e tomar diariamente.

Gastrite:
Mel de abelha
Babosa (folhas)
Cachaça (51)
Modo de fazer:
Cortar a folha da babosa miudinha, bater bem no liquidificador ou socar em um recipiente, juntar tudo e colocar uma colher de sopa de cachaça e outra de mel de abelha. Tomar diariamente.

Dor de ouvido:
Hortelã (pequeno ou grande)
Modo de fazer:
Deixar murchar as folhas, extrair o sumo e depois pingar duas gotas dentro do ouvido.
Obs: se não tiver Hortelã, pode ser usada a folha de Pirarucu.

ANEXO 6: FOTOS DA COMUNDIDADE RIO GUAJARÁ DE BEJA

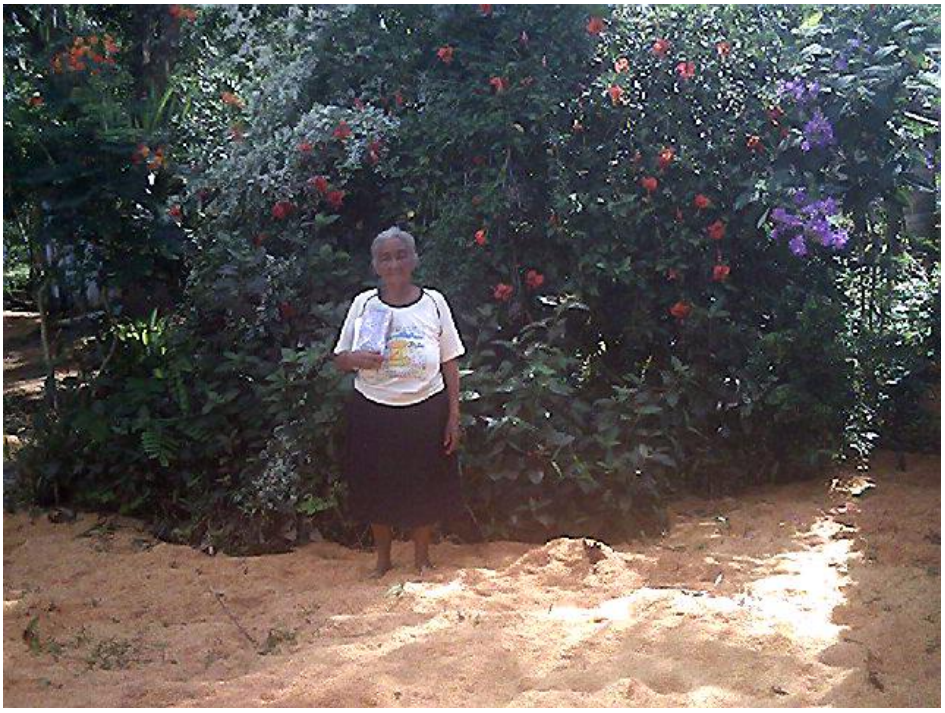

Foto 01: Dona Tomázia (informante/moradora que iniciou os cultos da Igreja Cristã na localidade)

Foto 02: Igreja da Assembléia de Deus Congregação Mar da Galiléia.

Foto 03: Igreja Católica São Francisco Xavier.

Foto 04: Centro Comunitário onde funciona atualmente a Escola Municipal São Francisco Xavier.

Foto 05: Escola Raimundo Sarges da Rocha.

Foto 06: Meios de transportes utilizados na comunidade: cascos, barcos freteiros, canoas.

Foto 07: Serraria

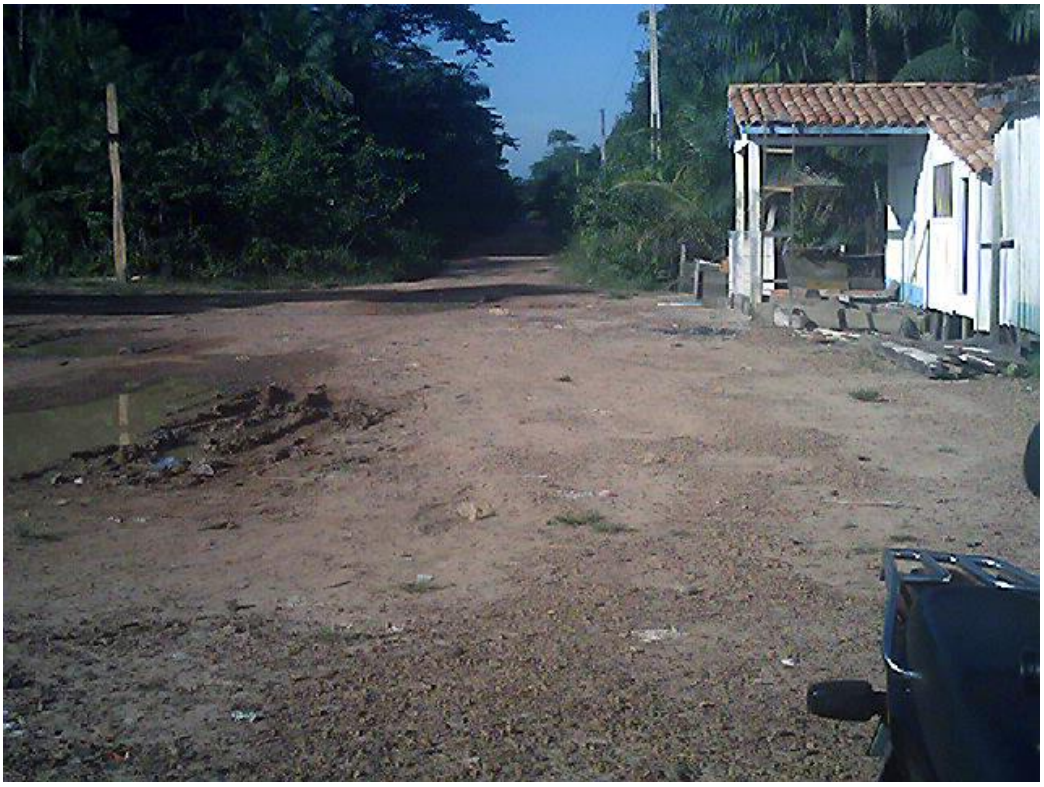

Foto 08: Ramal do Baía (dá acesso à Comunidade Rio Guajará de Beja).

Foto 09: Matapi – instrumento utilizado na pesca artesanal, para capturar camarões.

Foto 10: Rabeta e barco freteiro (uns dos meios de transportes utilizados pelos moradores da localidade)

Foto 11: Barcos freteiros.

Foto 12: Entrada do Rio Guajará de Beja.